

O BRASIL PRECISA MUDAR



Minas: a ação da polícia. Ela foi um dos maiores fatores de revolta do povo em 79.

De norte a Sul a luta pela terra

O Estatuto da Terra acaba de completar 15 anos de letra morta. A lei que o regime militar aprovou dizendo que ia resolver os problemas do campo nunca foi aplicada. Pelo contrário, o que funcionou, com sinistra eficiência, foi o incentivo à expansão do latifúndio, nacional e, agora, estrangeiro.

Este processo fez do interior do país um barril de pólvora. E hoje as manifestações camponesas se sucedem de norte a sul. Um ato público de 12 mil camponeses e várias tomadas de terras no Rio Grande do Sul. A luta dos sertanejos de Brumado contra a "lei do bode". As mobilizações em curso na Zona da Mata e no Agreste de Pernambuco. Uma reunião sindical contra a grilagem no Rio de Janeiro. E ainda o massacre de 300 garimpeiros pela empresa Indeco, no extremo norte de Mato Grosso. Veja na página 4.

Fala o Povo

Desta vez a seção "Fala o Povo" está com mais cartas e cara nova. As mulheres estão bem representadas, por uma empregada doméstica de Belém do Pará, uma metalúrgica de São Paulo e uma ativista do Movimento Contra a Carestia do Rio, entre outras. Há uma correspondência sobre as lutas dos lavradores do Acre. E outra sobre a fundação do Sindicato dos Metalúrgicos de Montes Claros, em Minas, apesar da repressão. Leia nas páginas 6 e 7. E seja você também um correspondente voluntário da Tribuna Operária.

Centenário de Stálin

Este 21 de dezembro foi o dia do centenário de nascimento de Josef Stálin, revolucionário russo, seguidor de Lênin, líder do Partido Bolchevique, do Estado soviético e do movimento comunista mundial durante cerca de 30 anos. Na última página um artigo de Rogério Lustosa sobre a data, uma biografia e um texto do velho bolchevique.



Em Nova Iguaçu o povo faz política.

Liberdade Partidária

Enquanto Figueiredo e seus assessores perdem o sono com a perspectiva de terem um Arenão minoritário no Congresso, o povo começa a dar também sua opinião sobre o problema partidário. Repudia a reforma palaciana. Exige liberdade verdadeira de organização partidária. Manifesta o desejo de ter um partido que seja seu, onde tenha voz e vez. E propõe desde já a unidade de todas as suas forças, populares, por cima dos partidos que se formem, para garantir o avanço da luta pela democracia. Na página 3 as mobilizações neste sentido e entrevistas com líderes políticos comprometidos com o povo.

1979 não foi um ano qualquer. A inflação chegou aos 80% e caminha para os 100% ainda no primeiro trimestre de 80. O litro da gasolina passou de 7,20 para 22,60 cruzeiros, encarecendo tudo o mais. A dívida externa atingiu 35 mil cruzeiros para cada família brasileira.

O general Figueiredo subiu ao poder em março, prometendo abertura no plano político e combate à inflação na economia. Mas o sangue operário, derramado pela agressão policial, mostrou o caráter limitado de sua abertura. E o ministro Delfim Netto já disse que não há remédio a curto prazo para o aumento dos preços, prevendo uma nova disparada em janeiro.

Mais de 3 milhões de trabalhadores fizeram greve. E alcançaram vitórias, tanto políticas como salariais. Mas nem assim conseguiram compensar a carestia. O maior saldo da luta foi uma consciência mais clara, uma organização mais for-

te, uma unidade maior. Porém, as condições de vida do trabalhador brasileiro são hoje muito piores do que há doze meses.

As conseqüências estão aí. Não são só as greves e as movimentações políticas. São as explosões de violência nos trens de subúrbio. São as reclamações nas empresas, nas feiras, na rua, no campo, em todo lugar. A atmosfera está carregada nesta passagem de ano. Carregada de revolta. O povo sente, e diz com todas as letras, que isto que aí está precisa mudar. E mudar a fundo. Não simples trocas de ministros ou de partidos. Mas uma troca das classes no poder.

Por isso o ano novo chega trazendo ameaças, mas esperanças também. Esperanças num Brasil novo, um Brasil do povo brasileiro, que nascerá, mais dia menos dia, por piores que sejam as dores do parto.

A Globo quer mais sangue

A TV Globo está chefiando uma campanha em favor de uma "solução final" para o problema da violência nas grandes cidades. Sua proposta, mais ou menos aberta: instituir a pena de morte no Brasil. Por sua vez, o ministro da Justiça deixou um pouco de lado as manobras da reforma partidária, nos últimos dias, para se ocupar de outra reforma, a da polícia.

O alarmismo da rede de televisão e as preocupações do ministro partem de um fato que os trabalhadores conhecem melhor do que ninguém: o nível insuportável da criminalidade e da violência em cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo. Ali qualquer cidadão, a qualquer hora do dia ou da noite, arrisca perder a bolsa e a vida.

Porém, a solução de aumentar a violência policial e judicial para responder a este desafio é, no mínimo, duvidosa. Violência da parte do aparelho de Estado é coisa que nunca faltou no Brasil. No entanto, a criminalidade cresceu assim mesmo. O melhor exemplo é o do tristemente famoso "Esquadrão da Morte". Desde que surgiu, diz que sua meta é dar o merecido castigo aos marginais mais perigosos. Mas são conhecidas as vinculações dos membros do "Esquadrão" com o submundo do crime. E é sabido que ele também passou a atuar, com os mesmos métodos brutais, contra os que se opõem à ditadura e ao fascismo.



Delfim: bom para os ricos.

Os comandos de Delfim

Depois que Delfim Netto assumiu o Ministério do Planejamento, a inflação saltou da casa dos 40 para a dos 70%. Mas ele não se abala. Diante da grita geral, inventou agora um sistema de "comandos" para fiscalizar os preços.

Não é nem de longe o congelamento dos preços que o povo reclama há tempos. Delfim diz que fiscalizará apenas os aumentos "abusivos". E só se não tiverem uma "explicação aceitável".

Porém o mais curioso é que os industriais, donos de supermercados etc., que "ultrapassarem os limites" receberão como "castigo" ... uma inspeção fiscal. Ou seja, serão obrigados a cumprir as leis, pagar os impostos. Já os capitalistas que se "moderarem", aumentando os preços num nível considerado razoável pelo governo, poderão continuar burlando o fisco sem problemas. É o que está implícito na iniciativa de Delfim.

Enquanto isso, os trabalhadores que entram em greve são tratados a pancada e até a tiros, a pretexto de que aumento de salário provoca inflação.

Editorial

Governo de fome e repressão

O Brasil entra em 1980 com um dos governos mais impopulares da sua história. Foi inútil falsificar a imagem do presidente. Florianópolis mostrou: o povo não gosta de Figueiredo, nem do governo, nem do regime que ele representa.

Não podia ser diferente. O governo só toma medidas que favorecem os interesses dos poderosos, jogando todo o peso da crise sobre o povo. Nem bem havia aumentado drasticamente o preço da gasolina energia elétrica etc., Figueiredo baixou o "pacotão" de Natal, que empobrecerá a nação em 30% da noite para o dia. A dívida externa cresceu 30%. A carestia ganhou novo impulso e, com isso, os salários minguaram.

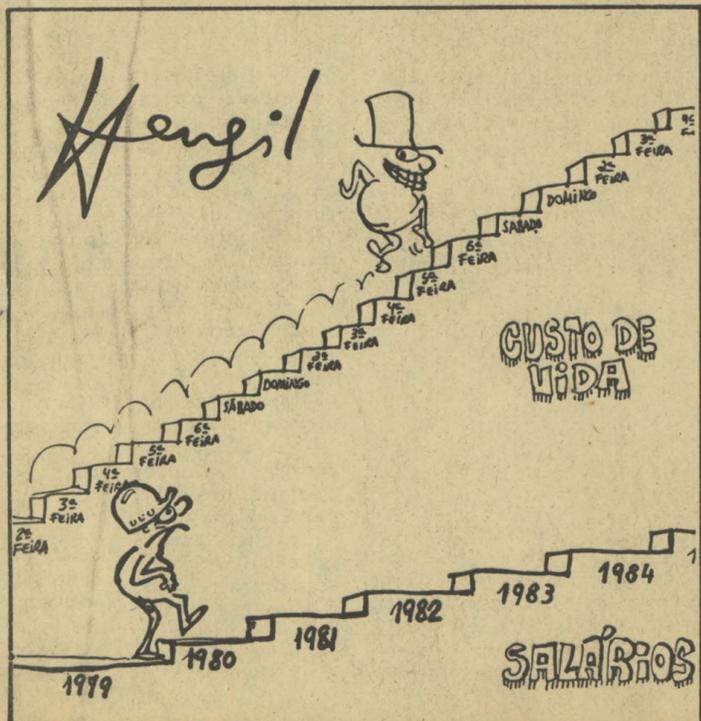
A abertura continua a mostrar seu caráter restrito. A Lei de Segurança Nacional permanece na ativa e acaba de se abater sobre estudantes catarinenses. A repressão sobre as greves já causou oito mortes de operários. A reforma partidária antidemocrática na prática impede a participação popular.

O governo é arrogante. Figueiredo acha que o povo não sabe votar, faz reivindicações irresponsáveis, gasta demais. E não está interessado nos problemas do povo.

Mas para enfrentar a crise o governo pede apoio do povo. Não passa semana sem que algum político a serviço do governo ou do tipo Tancredo Neves venha a público propor uma "união nacional" para ajudar o governo a administrar a crise.

As greves operárias, as exigências dos camponeses pela reforma agrária, os incidentes de Florianópolis, os quebra-quebra de trens etc. são a resposta. Isto significa que o povo não aceita as propostas de conciliação. E tem motivos para isso.

Quinze anos de resistência ao regime militar e ao fascismo foram uma grande escola. Não, todos aprendemos que o bem mais precioso é a liberdade. E que para alcançá-la é preciso lutar com o regime militar, este regime de fome e de repressão.



Lutfalla continua a enganar moradores

Na periferia de São Paulo, dois bairros enfrentam a família do governador, famosa por suas especulações imobiliárias.

Os moradores de Vila Araguaia e Jardim Arizona, bairros situados na Zona Leste da capital paulista, reuniram-se dia 16 para continuar lutando pela regularização dos terrenos comprados da Imobiliária Lutfalla, pertencente à família da mulher do governador Maluf. O loteamento dessas vilas começou há vinte anos e há muito tempo os moradores já acabaram de pagar seus lotes. Mas a imobiliária não cumpriu a lei municipal que exige que as glebas recebam guias e sarjetas e sejam cadastradas no Registro de Imóveis antes de serem vendidas. Sem isso, o loteamento é considerado clandestino pela Prefeitura e não recebe nenhuma benfeitoria, como escolas, praças, postos de saúde etc.

Um dos donos da Lutfalla,

Enver Chedde, é muito esperto. "Nesse não se pode confiar", diz um morador. Não satisfeito em vender terrenos clandestinos a trabalhadores, mandou construir uma fábrica de etiquetas ao lado do loteamento, a Tak Tak, para explorar aquela farta mão-de-obra, contratada por baixos salários. Em 1977, os proprietários da imobiliária tentaram aplicar um novo golpe: propuseram aos moradores fazer os melhoramentos desde que pagassem novamente, através de mensalidades de um carnê do tipo "baú da felicidade".

Os moradores, alertados por dona Maria de Lurdes, que se tornaria uma das líderes do movimento, não aceitaram e formaram a União dos Moradores de Vila Araguaia e Jardim Arizona e procuraram se ligar a outras associações para

fortalecer sua luta. Formaram caravanas de até 500 moradores, que foram diversas vezes à sede da imobiliária e à Prefeitura, sempre recebidos com promessas e evasivas. Na última reunião programou-se manifestações para pressionar simultaneamente Enver Chedde e a Prefeitura. Os moradores estão dispostos a lutar até o fim pela regularização de seus lotes. E pela construção de escolas, praças, centros de lazer, postos de saúde e creches. Essa é uma luta que deve se estender a outros bairros porque há 4 mil loteamentos clandestinos em São Paulo onde moram pelo menos 2 milhões de pessoas. Como diz Vanderlei, o presidente da União dos Moradores, é preciso continuar a luta e voltar à Prefeitura uma, duas, três, mil vezes, até conseguir a vitória.

100 crianças mortas

A notícia saiu pequenina, nos cantos de página dos jornais: mais de cem crianças, de um a dez anos, morreram, em quinze dias, no povoado de Piquiri, a 75 quilômetros de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Somente entre 8 e 12 de dezembro morreram 25 crianças.

Morreram de sarampo, disseram os médicos. Mas o próprio secretário da Saúde, daquele Estado, Leônidas Ferreira, reconheceu que a verdadeira causa da mortandade foi a miséria em que se encontra aquela população. Disse que os usineiros da região proibem os trabalhadores de plantar alimentos e só querem que se plante cana. Ao mesmo tempo os salários que pagam são de fome, os trabalhadores não podem com eles dar sustento às suas famílias. As crianças já estavam morrendo de fome. Não tinham resistência nem para suportar o sarampo, que para uma criança bem alimentada é uma doença tão simples.

Boicote ao vestibular

O governo mineiro terá de usar toda a sua "imaginação criadora" para solucionar a crise surgida na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde os professores, em protesto contra a constante perda salarial e a diminuição das verbas para a educação, decidiram boicotar o vestibular de 1980, deixando de aplicar e corrigir as provas.

O boicote foi disposto para reivindicar, entre outros pontos, uma reposição salarial de 52,7%, a partir de 1º de agosto passado, equivalente à diferença entre os reajustes do salário mínimo e os do funcionalismo público, cujos salários sofreram uma perda de 242% entre 1964 e 1979, segundo dados do DIEESE.

Os professores protestam também contra a situação educacional do país, que se encontra perto do colapso em consequência da diminuição das verbas para o ensino. Pela constituição de 1946, o governo federal teria de aplicar no mínimo 10% da receita dos impostos na educação, mas, a partir de 1964, essa obrigação foi sendo deixada de lado, até se simplesmente abolida em 1967. E hoje o governo pretende que os estudantes paguem por seus abusos, através do ensino pago.

Toda essa situação levou os professores a protestarem, com o apoio dos estudantes e funcionários da UFMG. Resta ver agora qual será a resposta do governador Francelino Pereira: se tentará resolver o problema, o que é improvável, ou procurará "enganar" a todos, como tem feito desde que assumiu o cargo, através de falsificações de dados da Agência Nacional.



Marighella: "Não tive tempo para ter medo"

Um homem que deu a vida pela liberdade recebeu finalmente a homenagem pela qual esperava desde seu assassinato.

Carlos Marighella, assassinado em Salvador, recebeu homenagem em nome da família.

Carlos Marighella, assassinado em Salvador, recebeu homenagem em nome da família. No último dia 10, depois de uma solenidade em São Paulo, seus restos mortais foram trasladados definitivamente para Salvador. O filho do povo de um imigrante italiano e uma negra da Bahia, o ex-deputado à Constituinte de 1946, o resistente que empunhou armas contra a ditadura, morto numa tocaia pelos órgãos de repressão política, já não repousa numa cova para indigentes no cemitério de Vila Formosa, São Paulo. Dez anos depois de assassinado, recebeu uma sepultura digna, projetada por Oscar Niemeyer e construída em cimento fundido, no popular cemitério das Quintas, em Salvador.

A urna de madeira, coberta com a bandeira nacional, foi conduzida pelo filho único, a companheira e outros familiares de Marighella ao cemitério, numa cerimônia assistida por cerca de 200 pessoas. À beira do túmulo, falaram Haroldo Lima, Domingos Leonelli, deputado estadual, Elquisson Soares, deputado federal, os presidentes do Movimento Feminino pela Anistia e do Comitê pela Anistia na Bahia, representantes de sindicatos e entidades estudantis, a companheira de Marighella, Clara Scharf, e por fim seu filho,

Carlos Augusto, que agradeceu em nome da família. Desta forma, com dez anos de atraso, os democratas brasileiros renderam homenagem ao combatente que a ditadura militar fascista tentou em vão descaracterizar, taxando de assaltante, bandido, terrorista. E lembraram suas muitas qualidades, de amor à liberdade, compromisso com o povo, coragem sem limites diante da reação armada, da tortura e da morte.

Calou fundo a carta de Jorge Amado, lida na ocasião pelo deputado federal cassado Fernando Santana.

"Dez anos inteiros, ferozes, de calúnia e ódio — diz a carta — na tentativa de extinguir tua verdade, para que ninguém pudesse te enxergar. De nada adiantou tanta vileza, pois aqui estás, inteiro e límpido. Atravessaste a interminável noite da mentira e do medo, da desrazão e da infâmia, e desembarcas na Bahia, trazido em mãos de amor e amizade. Aqui estás e todos te reconhecem como foste e serás sempre: incorruptível brasileiro, um moço baiano de riso jovial e coração ardente. Aqui estás entre teus amigos e entre os que são tua carne e teu sangue". (Da Sucursal de Salvador)

Bate-papo com o povo vira passeata

Até os combativos estudantes secundaristas ficaram surpreendidos, no último dia 7 de dezembro, data da visita de Figueiredo a São Paulo, quando, indo em grupo distribuir volantes na Praça da Sé, viram um simples bate-papo com o povo transformar-se rapidamente numa manifestação de protesto contra a ditadura, com cerca de 600 pessoas participando. Espontaneamente, várias pessoas tomaram a palavra. Eram donas-de-casa, professores, operários metalúrgicos, motoristas de táxi, que falaram da carestia, da greve, da repressão, da necessidade de participar em sindicato etc. Todos criticaram o governo.

Gritando palavras de ordem como "O povo unido jamais será vencido", "au, au, au, Figueiredo no curral", "um, dois, três, Figueiredo no xadrez", a multidão dirigiu-se em passeata até a Praça Ramos. Toda a manifestação durou mais de duas horas. Foi um inequívoco sinal da elevada disposição de luta em que se encontram as massas populares e de seu desejo de participar.

No último dia 13, os secundaristas da capital paulista entregaram ao governo um abaixo-assinado com 40 mil assinaturas exigindo vagas e ensino público e gratuito para todos.

Protestos e revoltas no mesão dos desempregados

Eles costumam se reunir todos os dias no "Mesão dos Desempregados", no Jardim da Luz, São Paulo, capital. Fernando Muniz, tipógrafo-impressor sem trabalho há três meses, sobrevive fazendo bicos como pedreiro e pintor. Waldir, impressor, consegue alguns bicos em gráficas. Josuel Rodrigues, apontador de profissão, também vive há dois meses sem emprego fixo. João Roberto, 25 anos, procura há sete meses um emprego de auxiliar de escritório, sendo sustentado pela família. É freqüente que mais de 50 trabalhadores se reúnam.

O "Mesão" surgiu este ano, em conversas sobre os problemas comuns de quem não consegue emprego. Uma grande mesa de cimento no centro do Jardim transformou-se em ponto de encontro e discussões. O desempregado que consegue uns trocados compra um jornal e coloca à disposição do coletivo, sobre a mesa. Quem precisa, recorta os anúncios de emprego e sai em busca de trabalho. Mas trabalho não é coisa fácil de se achar hoje em dia. E desta forma eles vão se conhecendo, servindo, discutindo seus problemas comuns.

João Roberto fala sobre a relação entre o desemprego e a situação econômica: "A falta de emprego acarreta também um salário baixo. Outra consequência do desemprego é a falta de moradia popular e o que mais afeta neste momento: os

altos preços dos gêneros de primeira necessidade. Isso vem afetando diretamente a família brasileira. E hoje eu, como desempregado, sinto que estou praticamente abandonado numa sociedade que pouco contribui para a sobrevivência do trabalhador".

Mário, um tipógrafo, completa seu companheiro: "Os donos das grandes e pequenas empresas querem que a gente trabalhe mais e ganhe menos".

A polícia persegue os frequentadores do "Mesão dos Desempregados". Diz que são marginais, gente ligada ao mundo do crime. Mas eles rejeitam com energia essas afirmações. Reafirmam sua condição de trabalhadores, alguns até qualificados, reduzidos ao desemprego por uma ordem injusta. E as perseguições policiais, somadas à angústia de não ter um ganha-pão, geram um ambiente de revolta.

"É preciso meter o pau no Maluf, no Figueiredo, nos patrões e nas multinacionais", diz um. "A melhor forma de modificar os nossos problemas, os problemas do povo, é uma revolta, todo mundo pegando em armas. Chega de fome, de misérias, de arrocho salarial, de exploração, de mortes que todo dia levam um dos nossos. Chega de mordomias, tanto do governo como dos cartolas do futebol". E completam com a palavra de ordem do dia: "O povo unido jamais será vencido". (Marcos Hernani, SP)

Alunos punidos; 477 não morreu

No dia 18 de dezembro, último dia letivo do ano, precisamente às 18 horas (fim do expediente), a reitoria da Faculdade de Engenharia Industrial (FEI), de São Paulo, comunicou severas punições a sete estudantes. O motivo das punições: esses estudantes criaram um centro acadêmico autêntico, esvaziando o diretório acadêmico criado pela

reitoria. Dois dos alunos, Antonio Carlos Silva (4º ano) e Jorge Barbour (2º), foram punidos com três anos de suspensão; Francisco Luis Corsi (1º), Edson Dourado Marques (3º) e Otávio Jorge Saad (2º), com um ano; e Cícero Falcão (3º), com seis meses de suspensão. Já está o decreto 477 em plena vigência, incorporado ao regimento interno da escola.

Protesto contra usina nuclear



Para protestar contra a instalação de uma usina nuclear, de reprocessamento de plutônio, o chamado "lixo" atômico, no interior do Espírito Santo, centenas de pessoas viajaram, domingo, passado, de Vitória para Aracruz, a cidade escolhida, que se situa

a 100 quilômetros de distância da capital do Estado. Os manifestantes, transportados em ônibus e automóveis, conduziram faixas protestando contra o acordo nuclear Brasil-Alemanha exigindo melhores condições de vida e liberdades democráticas.

O que interessa ao povo é a ampla liberdade partidária

Ainda que profundamente antidemocrática e limitada, a reforma partidária do regime não lhe está saindo bem. Nos últimos dias o governo tem feito grandes esforços para atrair ao Arenão senadores e deputados adesistas do MDB. O perigo é que o governo, ao tentar dividir a oposição, acabe também dividido que não tenha mais a maioria absoluta no Congresso. Mas, coisa estranha! Até velhos adesistas como o biônico Amaral Peixoto (RJ), Dirceu Cardoso (ES) etc. continuam sem querer entrar no partido do governo.

A razão é que ninguém gosta de "apostar em cavalo morto". Pois, entrando para o partido deste governo desmoralizado, qualquer político estará arriscando-se a ver o fim da sua carreira.

O governo Figueiredo não conseguiu impedir a divisão em suas fileiras, nem o crescimento do Partido dos Bancários, de Tancredo Neves, Magalhães Pinto, Paulo Egydio, Setúbal etc. Por outro lado, sua grande esperança para dividir a oposição, o PTB, comprometido com a social-democracia eu-

ropéia, saiu muito fraco junto ao povo e também no Parlamento.

A divisão no MDB não foi tão séria e, em certo sentido, beneficiou a oposição. Porque os que saíram, seja para o PPB, seja para o partido de Figueiredo, eram conhecidos adesistas, que se elegiam pela oposição, mas sempre foram governistas, como Chagas Freitas, no Rio, e os malufistas, em São Paulo.

Mesmo assim, o sucedâneo do MDB continua a contar ainda com conciliadores e governistas disfarçados em seu meio que tentam ignorar e restringir a oposição popular.

A reforma partidária, antes mesmo de ser assinada pelo general Figueiredo, já vai adquirindo um jeito de coisa velha. Porque ela não resolve os problemas de ninguém. Coloca o governo numa posição difícil. E está muito longe de atender às aspirações dos trabalhadores e dos setores democráticos à plena liberdade de organização.

Nesses dias que antecedem à assinatura da lei dos partidos, o governo enfrenta um dilema: se

abre um pouco mais, para ajudar a organização do PTB, a oposição democrática e popular aproveitará para avançar. Se fecha mais um pouco, dificulta o PPB sem conseguir enfraquecer o PMDB, vai enfrentar a resposta do povo e o inconformismo dos setores divergentes das classes dominantes.

A grande maioria da população, os trabalhadores em particular, continua alheia a essa reforma partidária antidemocrática. Mas preocupa-se com a crise política. E conclui que somente uma mudança de governo poderá abrir-lhe uma situação de vida mais favorável.

Para poder abrir canal de participação às amplas maiorias marginalizadas e exploradas a oposição popular não pode se satisfazer com essa reforma partidária restrita. Necessita é de continuar lutando firmemente pela mais ampla liberdade de organização partidária e pela união de todas as forças populares e democráticas. Isso é que realmente interessa aos trabalhadores e ao povo, porque só assim eles poderão efetivamente participar e decidir seu destino.



Cerca de 400 pessoas discutiram durante oito anos a participação política do povo.

Rio: por um partido de união do povo

Em Nova Iguaçu, os trabalhadores tomaram a palavra. Querem o direito de fazer política.

No domingo, 9 de dezembro, lideranças populares do Rio de Janeiro reuniram-se na Igreja Santa Rita, em Nova Iguaçu, para discutir a participação popular no processo de reformulação dos partidos. Participaram cerca de 400 pessoas, representando mais de 70 bairros, associações e sindicatos, além de parlamentares e personalidades.

Os participantes manifestaram-se vivamente. Um deles disse: "independente da vontade do poder, devemos construir o partido da união dos trabalhadores e organizar o povo da cidade e do campo". Outro perguntou: "Como o povo vai organizar seus partidos com esta legislação que está aí?". E ele mesmo respondeu: "as forças populares não devem se dividir. Mesmo que cada um tenha seu partido, é importante encontrar os pontos de união".

Um outro disse: "com 68 anos, já vivi duas ditaduras. Em 1945, antes da queda da ditadura se faziam reuniões como esta. Depois, foram feitas eleições e poucos eleitos foram fiéis aos votos que receberam. Não serão esses partidos que resolverão os problemas do povo. Se há um partido que

quer ser popular, que vá reunir o povo para discutir seus problemas; que vá para as ruas junto com o povo para lutar contra a carestia, contra a entrega do petróleo e do álcool para as multinacionais, contra a devastação da Amazônia. Que se junte ao povo na luta pela liberdade!".

Seis comissões de trabalho prepararam as conclusões cujos pontos principais são: repúdio ao projeto de reformulação partidária do governo em defesa da ampla liberdade política e do estabelecimento de uma sólida e efetiva frente de unidade popular contra a ditadura. Que deverá se expressar num partido que seja capaz de organizar o conjunto das lideranças operárias e populares e seja um conduto político dos trabalhadores e do povo. Recomendaram um esforço conjunto pela união de todas as forças de oposição popular em torno de um programa único e de um partido único capaz de levar adiante as lutas de nosso povo.

O encontro protestou contra as ameaças e puxações da extrema direita contra o bispo de Nova Iguaçu D. Hipólito e contra os próprios participantes do encontro, já que o local da reunião amanheceu cheio de inscrições provocativas.

No Sul oposições populares estão unidas

As oposições populares do Rio Grande do Sul realizaram uma reunião na Assembléia Legislativa do Estado, no dia 9 último. Participaram cerca de 300 pessoas, com o objetivo de propor programa e uma plataforma de ação para o PMDB.

Após decidir que o PMDB é uma alternativa de atuação política das forças populares e democráticas, a reunião também concluiu que o PT, e, em menor escala, o PTB contam com segmentos populares, tendo em seus projetos elementos de ação unitária contra o regime.

As oposições determinaram ainda que os movimentos populares de base, MCC, CIA/RS, Intersindical e outros tenham participação conjunta com os futuros PMDB, PT e também PTB, desde que tenham como alvo o regime.

O senador Pedro Simon evidenciou em seu discurso a importância da coligação das forças populares e democráticas na luta contra o regime. Junto com o deputado estadual José Foaça, Simon afirmou também

que as oposições populares devem contribuir decisivamente na elaboração do programa do PMDB, auxiliando-o a buscar métodos de ação extra-parlamentares condizentes com as aspirações populares.

O encontro manifestou-se firmemente contra as idéias de diluição das oposições populares dentro do PMDB, "para não perder a confiança do povo", disse um participante. "E isto inevitavelmente ocorrerá, caso seu programa, sua estruturação e seus métodos de ação fiquem entregues unicamente aqueles que desejam apenas uma democracia formal".

Outro dos oradores manifestou que "Pão, Liberdade, Independência e Terra deve ser o lema do PMDB, se quer de fato tornar-se um partido de coligação das forças democráticas e populares".

"Pão significa melhores salários e condições de vida; significa que as multinacionais e os grandes empresários e latifundiários paguem pela crise que provocaram! Liberdade sig-

nifica manifestação, organização sem limitações jurídicas ou policiais; significa o fim deste regime de arbítrio. Independência e Terra significam o fim do domínio das multinacionais e dos monopólios, entre os quais o monopólio da propriedade da terra".

O combativo líder sindical Olívio Dutra declarou ser indispensável uma frente política entre todos os interessados na luta sem conciliação contra o governo, mostrando que uma unidade mais avançada está sendo conquistada no Rio Grande do Sul.

O advogado trabalhista Tarso Genro, ao ler a resolução final, demoradamente aplaudida, ressaltou que as oposições populares farão do PMDB gaúcho uma robusta trincheira na luta contra o regime. Os combativos elementos do PT e parte do PTB estarão juntos com o PMDB nas decisivas ações políticas das massas. Pois são essas ações que determinarão as profundas mudanças que a nação reclama! (Da Sucursal de Porto Alegre)

Minas: PMDB limpo de adesistas

Quinzinho, metalúrgico, membro do diretório do MDB em Contagem, do Movimento Contra a Carestia e vice-presidente da Associação do seu bairro, declarou: "O PMDB, livre dos adesistas, formado por correntes populares, com a criação de diretórios na base, seja um partido de aglutinação da oposição. Hoje a situação política exige uma maior união da população, para lutar contra o inimigo comum: a ditadura. Os parlamentares que se identificarem com as lutas populares terão lugar neste partido e os candidatos da base surgiriam dessa mobilização".

O vereador Ivã Barbosa, de Juiz de Fora, afirma: "A participação popular no PMDB torna-se ainda mais importante quando sabemos que, no primeiro momento, a direção não ficará nas mãos das forças populares. Assim sendo, ela terá que ser ativa e permanente. Em Juiz de Fora estamos discutindo com setores representativos das camadas populares a necessidade e a importância da participação neste novo partido. A partir daí, fazemos a proposta de filiação em massa, de articulação dos comitês em bairros etc., tendo em vista a presença desse partido junto ao povo".

SP: parlamentares populares vão às bases

Em São Paulo, toma corpo a idéia de um bloco popular dentro do PMDB. E a consciência de que o futuro deste bloco não se decidirá em conversas de gabinete, mas sobretudo nos movimentos populares fora do Parlamento. A seguir, o que pensam os deputados estaduais Irma Passoni, João Batista Breda, Sérgio Santos, Mauro Bragato, Franco Baruselli o vereador Benedito Cintra da Capital.



Benedito Cintra

"Você tem que buscar interferir na política partidária, no PMDB, mas ao mesmo tempo tem que se organizar na empresa, no bairro, etc., para ter força nesta interferência.

É preciso participar do PMDB de maneira unitária e também diferenciada, para não se diluir. A unidade das forças populares deve se manifestar de forma articulada, inclusive com programa próprio.

Em Vila Brasilândia (São Paulo), estamos distribuindo um documento de casa em casa e há vários debates em curso, para ajudar a levar as lutas locais e encaminhar uma proposta de unidade popular no nível político".

Franco Baruselli

"Para mim, o caminho parece claro: devemos sair da condição de oposição puramen-

te parlamentar e conseguir a solidariedade da oposição popular, representada pelos sindicatos, pelo movimento estudantil, pelos movimentos contra a carestia, contra o custo de vida, pela preservação da Amazônia e outros similares. O PMDB tem de ser um partido aberto à participação popular para escapar do jogo engendrado pelos homens do Planalto".

Mauro Bragato

"O povo deve participar sempre mais, nas reuniões, na divulgação, na própria discussão do programa do Partido. (...) O resultado final deverá ser o avanço das forças populares, com a passagem dos adesistas para o Arenão".



Sérgio Santos

"Em primeiro lugar, quero deixar claro que a reforma partidária é uma medida vinda do governo militar ditatorial, para anular o que vinha crescendo e criar obstáculos à oposição como um todo.

Nossa posição é que devemos participar dentro do novo MDB como tendência popular. Nós temos condições de criar outros diretórios populares, até com maior liberdade. Isto é muito importante para nos diferenciarmos dentro de uma frente mais ampla".

João Breda

"Vejo a reforma partidária como uma camisa-de-força, que alguns vestem. Como a época não é mais para camisa-de-força luto contra todo posicionamento que restringe as liberdades individuais".

Irma Passoni

"A reforma partidária é outra vez uma jogada política do faz-de-conta. Eu fui a Brasília. Lá a coisa se dá entre senadores que estão certíssimos de que não precisam do povo.

Minha posição é: um bloco parlamentar popular dentro do PMDB, com uma proposta claríssima e uma forte organização, criando uma política própria, que se contraponha cara a cara com o sistema. Daí a necessidade de o povo participar da vida partidária, ter um partido, ter a direção desse partido. O bloco popular deve reivindicar participação na direção do PMDB e agir de forma organizada para não se diluir".



Massacre de garimpeiros: 300 mortos

Cerca de 300 garimpeiros foram mortos, após serem barbaramente torturados, por policiais e jagunços sob ordens do latifundiário Ariosto Riva, dono da Colonizadora Indeco, no município de Alta Floresta (MT) a 800 km de Cuiabá.

A denúncia foi feita pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), após três meses de investigações realizadas por sua regional em Mato Grosso. Mas poucos jornais a divulgaram.

A CPT informou que os garimpeiros, que trabalhavam em Paranaita, perto de Alta Floresta, receberam ordens de deixar a área por etapas, pois Ariosto queria "evitar que eles estragassem o solo". "Ao saírem das matas, os garimpeiros foram capturados pelos policiais e jagunços, comandados pelo delegado José Cesar Conte, e obrigados a entregar todo o ouro que haviam obtido".

"Os documentos pessoais eram queimados, a pretexto de que, sendo de outros estados, não valiam em Mato Grosso. Em seguida, os garimpeiros eram despidos e obrigados a se deitarem de bruços. Quem não obedecia apanhava ou morria ali mesmo. Qualquer movimento



No mapa, a localização de Alta Floresta, palco do massacre

bastava para levar uma rajada", afirma a CPT.

"Violências sexuais de todo tipo foram praticadas contra homens e mulheres. Muitas dessas mulheres foram violentadas por policiais e jagunços diante dos próprios maridos. Davam pontapés no ventre das mulheres, até mesmo grávidas", continua o documento. "Chegaram à infâmia de enfiar canos de mosquetões e outros objetos no ânus de indefesos garimpeiros. E, testemunhando o nível de barbárie e loucura a que chegaram esses mercenários, jogaram gasolina na vagina de algumas mulheres e em seguida atearam fogo".

"Depois dessa macabra car-

nificina, os garimpeiros eram carregados num basculante, suportando humilhações de toda ordem e despejados à beira do rio Teles Pires", diz o CPT, acrescentando que, para comprovar a chacina, o representante da entidade fotografou montes de ossadas no meio da mata.

Após exigir a investigação do massacre, a Comissão Pastoral pergunta: "até quando trabalhadores indefesos continuarão sendo massacrados pelos interesses demoníacos do lucro, de empresas e colonizadoras como a Indeco? Até quando homens como Ariosto da Riva continuarão a abusar tão vilmente da dignidade humana?"

No Sul protesto de 12 mil

"Aos agricultores não é dada a possibilidade de fazer greve, sob pena de enfrentar a fome. Por isso iremos para a praça pública, de onde a nossa voz, através da imprensa, há de ecoar pelas coxilhas do Rio Grande, sensibilizando aqueles que nunca nos ouviram". Declaração do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Frederico Westphalen, Ezídio Vanelli Pinheiro.

O exemplo dos agricultores de Miraguaí (ver Tribuna Operária nº 3) se espalhou rapidamente por toda região do Alto Uruguai. Dia 10 deste mês a cidade de Frederico Westphalen foi palco de uma das maiores manifestações camponesas ocorridas no Rio Grande do Sul nos últimos tempos. Cerca de 12 mil agricultores, portando faixas onde exigiam seus direitos, realizaram uma concentração e depois uma passeata pelas principais ruas da cidade.

Com pequenas alterações locais o problema é basicamente o mesmo em todas as cidades da região: os agricultores reagem de forma cada vez mais incisiva

contra o mau atendimento e as irregularidades praticadas pelos médicos e funcionários do Funrural. Reagem contra a assistência médica feita através do sindicato, que termina prejudicando tanto uma coisa como a outra. E expressam neste protesto a frustração com a falta de apoio do governo, mesmo depois de três safras ruins que os deixaram ainda mais pobres.

Os cartazes e as faixas retratavam esta situação: "Ninguém segura a nossa classe porque nós temos direitos e vamos lutar por eles"; "O mundo está com fome. Querem acalar com os produtores?"; "Nós também somos gente e queremos assistência". Na passeata, um grito de revolta e de força ecoava alto: "Queremos justiça!". E um refrão tomava conta da massa, nos mostrando o caminho a seguir: "Coloio unido jamais será vencido".

Outro aspecto importante foi a forte presença de sindicatos de 15 municípios vizinhos e também o presidente da Fetg gaúcha. (Sucursal de Porto Alegre)

Abaixo a lei do bode!

"O melhor amigo do povo é o povo unido", foi o lema do Encontro de Oposições realizado em Brumado, sertão da Bahia, nos dias 8 e 9 de dezembro. No seio dos trabalhadores rurais, uma grande apreensão: A juíza de Direito da cidade de Brumado, pressionada pelos grandes fazendeiros, tenta aplicar uma lei de 1916 que exige que os criadores de caprinos tenham suas terras cercadas.

Uma lavradora e um sindicalista de Riacho de Santana denunciaram: "Os homens e mulheres do campo só tinham o bode como sustento. Quando foi aplicada essa lei, a desgraça caiu ainda mais sobre nós. Hoje tem muita gente morrendo de fome, outros virando ladrão, prostitutas e bêbados, além daqueles que debandaram para tentar a vida nas cidades grandes".

Por tudo isso, os trabalhadores e o Sindicato local decidiram lutar tanto pela legalização de suas terras como pela derrubada da Lei do Bode. "A situação está inflamada — dizia um trabalhador rural. Não

podemos deixar que os ricos nos matem sem a gente lutar. Se botarem esta lei nenhum trabalhador vai conseguir viver, vai morrer tudinho e depressa. A gente tem que se unir, todo mundo, porque ninguém tem dinheiro pra fazer o cerco das terras e não tem garantias pra tomar empréstimo no Banco do Brasil, que só empresta a quem tem".

Mais de cem trabalhadores rurais expressaram seu ponto de vista e todos repudiaram a Lei do Bode. Decidiram também fazer do dia 23 de dezembro o Dia do Bode. Será uma manifestação dos trabalhadores (prevê-se de 3 a 4 mil presentes) na sede do Sindicato, de onde deverão sair ao encontro do prefeito e da juíza, para protestar. A movimentação é geral. "Lutamos no dia a dia contra o carcará, que destrói o bode; agora temos que lutar contra a lei que quer destruir o bode e a gente", finalizou um trabalhador que tem mais de dez filhos para sustentar com sua criação.

(Beto Bulhões, Salvador, Bahia)



Alcides Silva

Ocupação de fazendas

No dia 6 de setembro cerca de 110 famílias de camponeses da região de Nonoai ocuparam uma fazenda de 1600 hectares, no município de Ronda Alta, Rio Grande do Sul. O governo do estado teve que desapropriar as terras, graças a mobilização dos camponeses e da opinião pública. Hoje, estes camponeses estão trabalhando e já plantaram quase toda área.

Animados com este sucesso, outras 150 famílias de camponeses da região resolveram ocupar a Granja Brihante, que possui 1400 hectares. Os agricultores continuam acampados nessa granja, mas até agora não puderam trabalhar nas suas terras. Pressionado pela mobilização dos camponeses, o governo está fornecendo alimentação e atendimento médico, até que seja decidida a desapropriação.

A tensão social na região é grande e centenas de famílias sem terra pretendem ocupar outras fazendas. Enquanto isso, o governo tenta convencer os camponeses a emigrar para Mato Grosso, onde o Inra os assentaria.

Grilagem denunciada no Rio

Vinte e cinco mil trabalhadores de 44 fazendas do Rio de Janeiro estão envolvidos em conflitos de terra. A concentração da terra avançou depressa no Estado. Hoje, 60% dos imóveis rurais são minifúndios e controlam apenas 13% das terras, enquanto os latifúndios têm 77%, resultando conflitos por toda parte.

No último dia 9, mais de mil lavradores de Magé, Saquarema, Casimiro de Abreu, Araruama, Duque de Caxias, Itaboraí, Parati, Trindade, São Gonçalo e outros pontos dirigiram-se para o centro de Niterói, convocados pela Fetag para um ato público pela terra. Estiveram presentes o presidente da Contag, José Francisco da Silva, representantes da Comissão Pastoral da Terra, da Igreja, da Comissão Justiça e Paz, dos Comitês de Ansitia do Rio e Niterói, do Comitê de Defesa da Amazônia do Rio, outras entidades, deputados e personalidades. Mas a atenção concentrou-se nas denúncias dos próprios trabalhadores.

Um morador de Rio Bonito relatou como o administrador da fazenda Bacaxá assassinou seu concunhado: "Iamos vender mercadorias na cidade quando eles disseram que só passávamos se dessemos 1/3 das merca-

dorias. Discutimos, dissemos que não e eles mataram o José Nunes.

Hélio Souza Pires, de Cachoeira de Macacu, relata que está sendo ameaçado de expulsão, junto com outras 15 famílias. "Morro onde estou, mas não deixo a terra. Sou ameaçado, não carrego arma, a arma que tenho é a foice, a enxada e o machado. A polícia já foi na minha posse tentar me tirar de lá três vezes, o juiz quer que eu deixe a terra e vá trabalhar a cem cruzeiros por dia. Mas eu não saio. Morro, mas não saio".

"Desculpem eu ser analfabeto — declara Raimundo Barreto, de Casimiro de Abreu — mas quando eu me criei não podia ter escola. Na fazenda das Palmeiras, somos esmagados por grileiros. Eles colocaram boi na minha roça, acabando com tudo. Um dia me pegaram na estrada, incendiaram minha casa. Eu ainda estou lá. Antes eram 66 famílias, só restam duas. E nós resistimos".

José Vieira, da fazenda Paracambu, também está prestes a perder sua terra. Em 78, 42 famílias receberam do governador na época, Faria Lima, uma carta comunicando o despejo em 30 dias. Até agora elas resistem. (Da Sucursal do Rio de Janeiro)

Pernambuco: usineiros sabotam acordo

Vinte e oito sindicatos rurais da Zona da Mata Sul e Norte de Pernambuco se reuniram há pouco para avaliar o cumprimento do acordo celebrado não faz nem três meses com os usineiros. Constataram que ele está se tornando letra morta. Recorde-se que ele resultou de uma greve de 20 mil canavieiros, que o governo se apressou em encerrar para impedir que a parede se estendesse a 200 mil. Mas os senhores de engenho e usineiros não respeitam nem a legislação trabalhista vigente nem os acordos que fazem.

As conclusões principais da reunião foram: a tabela de corte de cana não está sendo obedecida à risca; os 2 hectares para usufruto do sítio não estão sendo respeitados; poucos estão fornecendo instrumentos de trabalho; existem ameaças de não aceitação dos delegados sindicais nos engenhos; continua o trabalho clandestino entre os safristas; as moradias nos engenhos estão como antes; o transporte continua sendo o trator e o caminho de cana; o pagamento por acidente de trabalho não se faz; o desconto único em favor do sindicato não está sendo feito pela maioria dos proprietários.

Enfim, continua quase tudo como antes da greve.

Diante disso, os dirigentes sindicais reunidos em Carpina e depois em Ribeirão decidiram indicar delegados nos engenhos visando um trabalho de base, denunciar ao Ministério do Trabalho as irregularidades e,

Pobreza avança no Agreste

Os lavradores do Agreste Meridional de Pernambuco também estão se movimentando.

Os agricultores se reuniram juntamente com a FASE, a Comissão Pastoral da Terra, representantes de cooperativas, sindicatos rurais e estudantes. Denunciaram que o Estatuto da Terra "tem servido mais aos ricos". E assinaram um documento dizendo:

"A gente sabe que nós pequenos e médios agricultores somos a maior força produtora da nação.

Exigimos medidas contra o crescimento do latifúndio. Reclamamos que os incentivos fiscais não favorecem o pequeno agricultor. Requeremos a criação de uma justiça agrária. Condenamos o avanço do capim, que está tirando da nossa mesa o milho, o feijão e a man-

por último, criar uma comissão Fetape-Sindicato para acompanhar todo o trabalho em cada área.

Após o final do encontro, os sindicalistas declararam que: a não aplicação do acordo continuar, haverá nova greve. (Marco Albertin, Recife - PE)

dioca. Requeremos que seja diminuído o tempo necessário para o usocapião. Reclamamos o sindicato autônomo que possa ser instrumento de educação e defesa do trabalhador. Reclamamos providências imediatas em favor dos posseiros expulsos de suas terras, dos índios ameaçados no resto da terra que lhes sobrou. Denunciamos as grilagens e o abuso de policiais e de cartórios. Denunciamos os programas e projetos oficiais, que não consultam a necessidade e direitos dos agricultores".

E por fim o povo do Agreste pernambucano coloca o dedo na ferida:

"Considerando tudo isso, reclamamos que todos se movam e querendo se faça em favor de uma reforma agrária completa, vital e imediata".

Pelegos de vários tipos tentam controlar sindicalismo

"Enquanto o sindicalismo brasileiro lutar contra a oposição e o Sindicalismo paralelo Sem fazer distinção Perde forças nesta briga E só reforça o patrão".

Com esses versos do dirigente sindical, João Alves, recém-eleito, numa chapa de oposição, para o Sindicato dos Rodoviários de São Paulo, sintetiza sua preocupação com os rumos do Encontro de dirigentes sindicais do dia 15 em Belo Horizonte.

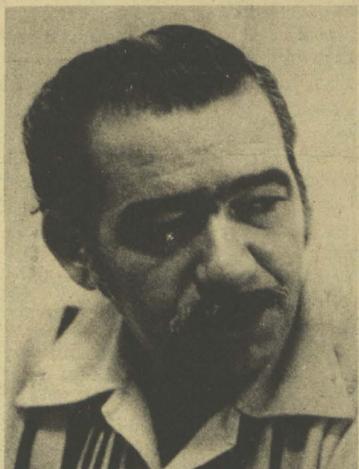
A reunião, cujo objetivo era avaliar as lutas recentes dos trabalhadores e traçar rumos para o futuro, pouco avançou neste sentido.

Embora reunisse 120 representantes de 60 entidades de sete Estados, inúmeras entidades não foram convidadas. Por exemplo, grande parte dos sindicatos cariocas nem foram convidados, conforme denúncia de um dirigente bancário do Rio, que soube do encontro pelos jornais.

MANOBRA CONTRA A OPOSIÇÃO

Já no dia 15 verificou-se uma íntima aliança do presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Joaquim dos Santos Andrade, com elementos conciliadores que atuaram contra a recente greve da categoria. Eles foram a Minas como representantes desse sindicato. Esquecendo a ditadura militar, a política de arrocho salarial, a legislação antigreve, a CLT corporativa, esses setores lançaram-se contra a oposição sindical, a quem acusam de fazer "sindicalismo paralelo" e a definiram como sendo o "inimigo principal" do movimento sindical. Queriam que o Encontro apoiasse sua posição a favor de expulsão das oposições dos sindicatos.

Sua proposta não conseguiu sucesso porque muitos dirigentes sindicais reconheceram que as oposições são necessárias, inspiradas por sindicalistas autênticos que combatem os pelegos.



Joaquim, quase candidato à CNTI

O resultado foi a condenação do sindicalismo paralelo e recomendação para que as oposições lutem dentro do sindicato. Insatisfeitos, Joaquim e seus amigos tumultuaram a reunião.

TENTATIVA DE GOLPE

Um ponto relativamente secundário da pauta — discussão sobre a participação nas eleições para a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI) — motivou o agravamento das divergências.

Num ambiente de grande tensão, pelegos e conciliadores promoveram uma proposta de indicação de uma chapa para as eleições da CNTI. Joaquim e seus amigos venceram a votação por 51 a 49. O que permitiria a Joaquim considerar-se virtual candidato à presidência da CNTI, não fosse o fato de que aquela votação, naquele plenário, era inteiramente nula. Isto porque estavam ali presentes representantes de outras categorias — bancários, jornalistas etc. — e não cabe a essa comissão nacional intersindical indicar candidatos para eleições na confederação dos industriários. Ao contrário do que disse a grande imprensa, essa votação foi anulada e se decidiu formar uma subcomissão do setor dos industriários

para estudar a proposta e programar uma ação conjunta para essas eleições.

Apesar de as discussões em plenário terem sido muito prejudicadas pelos tumultos,

RESOLUÇÕES E ATENTADO

seis grupos de trabalho chegaram a uma série de conclusões. Algumas foram convertidas em resoluções, tais como: luta pela instituição do salário móvel, variável conforme os índices de inflação calculados pelo DIEESE; a realização do 1º de Maio unificado em todos os Estados; levantar a bandeira da luta contra a carestia; continuar a luta contra a reforma da CLT; campanha contra as horas extras; realização, em meados de 1980, de um Congresso das Classes Trabalhadoras, CONCLAT; realização da campanha a favor da formação da Central Única dos Trabalhadores; publicação de um jornal nacional do movimento sindical, chamado "Unidade Sindical".

Decidiu-se elaborar um documento político, que trate de questões como reforma agrária, Lei de Segurança Nacional, exploração feita pelas multinacionais e concentração da renda.

A atual comissão nacional de coordenação do movimento sindical, escolhida há um ano e formada, entre outros, por Lula, Jacó Bittar, Joaquim Andrade, João Paulo Pires de Vasconcelos, Olívio Dutra etc., deverá reunir todas as propostas aprovadas nos grupos de trabalho e encaminhar uma nova reunião intersindical para preparação ao CONCLAT. Durante a reunião, grupo de extrema direita praticou atentado incendiando veículo do Sindicato dos Metalúrgicos de Monlevade. Trata-se de mais uma tentativa fascista de tentar bloquear a liberdade de reunião e organização dos trabalhadores.

Quem são os amigos? Quem são os inimigos?

O Encontro Sindical de Belo Horizonte deixou bem claro que o movimento sindical na atualidade se divide em três correntes:

1) a corrente pelega, criação do paternalismo varguista, herdada e alimentada pela ditadura militar com auxílio da CLT fascista e da legislação de Segurança Nacional, lei de greve etc.

Com o crescimento das lutas dos trabalhadores e o recuo relativo da repressão, os pelegos entram em declínio. Mas recebem apoio do governo, manobram, falseiam eleições, reprimem a oposição e aliam-se a outros inimigos dos trabalhadores;

2) a corrente conciliadora, que se disfarça em operária, mas vem desenvolvendo todos os esforços para conter as lutas dos trabalhadores. Sua tendência é unir-se com os velhos pelegos. Por isso também considera seu inimigo principal o movimento de oposição sindical;

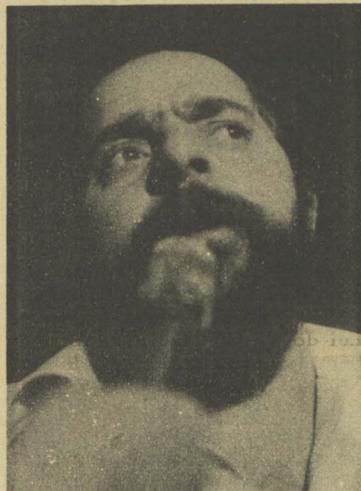
3) A oposição sindical, cujo objetivo é a autonomia e a liberdade sindical, o direito de greve, a revogação da CLT fascista, o afastamento dos pelegos dos sindicatos, o desenvolvimento das lutas econômicas e da participação política dos

trabalhadores. É uma corrente sindical classista, independente e democrática. Reflete o florescimento da consciência operária após o paternalismo varguista e 15 anos de arbítrio. E está representada por um número crescente de lideranças combativas surgidas nas fábricas. Já conseguiu chegar à direção de um certo número de sindicatos alguns deles importantes.

A corrente sindical de oposição — estejam ou não alguns de seus representantes na direção de sindicatos — necessita manter-se unida, apesar de haver dentro dela naturais diferenças de pensamento. Nenhum segmento seu pode iludir-se e aliar-se com pelegos e conciliadores. Seriam alianças suicidas.

É certo que há grupos que dizem ser oposição sindical e pregam sindicalismo paralelo. Mas os fatos têm mostrado que eles são inexpressivos. É uma miopia muito grande confundir esses grupos com a oposição sindical autêntica, operária, como ocorreu em São Paulo no final da greve dos metalúrgicos. A oposição sindical atua simultaneamente ao nível das empresas e dos sindicatos. O seu defeito é não fazer ainda suficientemente forte essa ponte. O que os pelegos de vários tipos estão chamando de "sindicato paralelo" é o fato de, na última greve metalúrgica de São Paulo, a oposição sindical mostrou que tem força e deu ao movimento uma direção combativa, embora insuficiente.

Os vários segmentos do movimento sindical de oposição necessitam manter-se unidos. Sua união se define através da defesa intransigente dos interesses dos trabalhadores e da luta pela plena democratização do país, pelo fim da ditadura. Alianças com pelegos e oportunistas serão o primeiro passo para a quebra do movimento sindical. E para sua submissão ao pacto social que fará os trabalhadores pagarem pela crise do sistema capitalista dependente que nos é imposto. (Carlos Azevedo)



Lula: pelo direito da oposição

Gangsterismo sindical

Depois da grande greve dos metalúrgicos de São Paulo e Guarulhos, a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de SP, junto a ex-membros da oposição, desfecharam uma pesada campanha contra a oposição sindical, temendo o poderio e independência demonstrado por amplos setores de metalúrgicos durante a greve. Dessa forma, procuram explorar as debilidades da greve, apresentando-a como uma derrota.

Fingem esquecer que a greve durou 11 dias; que já no seu início sofreu dura repressão; que cerca de 300 mil metalúrgicos chegaram a parar em alguns dias; que, após o assassinato do companheiro Santo Dias, os trabalhadores e setores democráticos foram às ruas, protestando contra a ditadura. E que a greve cresceu, adquirindo também uma conotação política.

Culpam a oposição por certa debilidade organizativa da greve, quando eles, e a própria diretoria a sabotaram. O trabalho de organização recaiu inteiramente sobre os comandos setoriais de greve, que conquistaram nesse aspecto uma vitória que os pelegos não esperavam.

AUXILIARES DA REPRESSÃO

A oposição sindical trabalhou todo o tempo em articulação com o sindicato, utilizando o aparelho do sindicato (apesar do boicote) e se reunindo em suas subseções. Agora, o fato de os companheiros da oposição terem assumido de fato o comando da

greve é apresentado como "sindicalismo paralelo".

Os metalúrgicos, contudo, puderam verificar na greve quem são os seus companheiros, isolando os pelegos e seus comparsas, que partiram então para o golpe e a agressão. Na assembleia de avaliação da greve, Joaquim dos Santos Andrade impediu que os comandos de greves falassem, declarando-se desfeitos. Enquanto seus capangas se misturavam à assistência, provocando confusão, Joaquim deu a assembleia por encerrada. A oposição, no entanto, ocupou a mesa, reabriu os trabalhos, fez a leitura da

avaliação — aprovada pelo plenário — e convocou uma nova assembleia.

Em represália, a diretoria fechou as cinco subseções regionais, por serem "núcleos de sindicalismo paralelo". E no dia 14 último, capangas de Joaquim e seus amigos, armados de porretes, agrediram covardemente trabalhadores à saída do sindicato. Isso demonstra que a democracia sindical não é negada só pelo regime, mas pelos dirigentes pelegos e conciliadores encastelados nos sindicatos. A ditadura militar está muito satisfeita com seus auxiliares.

As greves continuam

Como a desmentir aqueles setores sindicais que estão manifestando dúvidas de que a greve seja um bom instrumento de luta, os trabalhadores não cessam de fazer uso dela para defender seus direitos. Este mês já houve greves em diversas empresas na capital paulista e no ABC.

Os 1.250 empregados da fábrica Otis, de elevadores, de Santo André, por exemplo, pararam durante três dias para protestar contra o desconto dos dias parados na greve de março/abril no ABC. Também pararam a Vaporini, de Diadema, a Laminadora de Metais Borda do Campo e a Esmaltec, todas indústrias pequenas.

Em São Bernardo houve greve na Brastemp (linha de fogão), que tem 270 empre-

gados. Antes dela já haviam parado os trabalhadores da Gemmer e da Ford, por algumas horas, todos em protesto pelo desconto dos dias parados com a greve. Na capital deflagrou-se a greve dos trabalhadores da indústria de panificação Pão Pullman, com combativos piquetes. Parece que os trabalhadores não foram avisados de que a greve "precisa ser repensada". E na quinta-feira, dia 13 último, a cidade de São Paulo praticamente parou porque os caminhoneiros que transportam gasolina suspenderam o trabalho reivindicando reajuste de tarifas. Milhares de motoristas correram para os postos, armando grandes congestionamentos. No mesmo dia o governo concordou com as reivindicações dos caminhoneiros.

O povo amanheceu 30% mais pobre

Com a desvalorização de 30 por cento do cruzeiro perante o dólar, de um dia para o outro a nação brasileira ficou 30 por cento mais pobre. A dívida externa, que era de 1,5 trilhão de cruzeiros, passou para 2,1 trilhões. A onda inflacionária recebeu novo impulso. Industriais e comerciantes puseram-se imediatamente a reajustar os preços de suas mercadorias.

O próprio Figueiredo admitiu que haverá um crescimento, "corretivo", da inflação. Na verdade, a inflação vai subir mais rapidamente de agora em diante, podendo logo chegar a 100%, e não há sinais de que o governo consiga controlá-la.

ARROCHO E ENTREGUISMO

O governo pensa que com o cruzeiro desvalorizado as vendas de mercadorias brasileiras para o estrangeiro ficarão mais fáceis. Isto porque com a mesma quantidade de moeda forte (dólar, marco alemão etc.) os estrangeiros poderão comprar 30 por cento a mais de mercadorias. O plano é vender o máximo que for possível. E, como nosso cruzeiro vai ficar muito fraquinho, deverão diminuir as compras do Brasil no estrangeiro. Com isso, o governo pensa em reduzir o déficit nos negócios com os estrangeiros e ter mais facilidade para pagar a dívida externa.

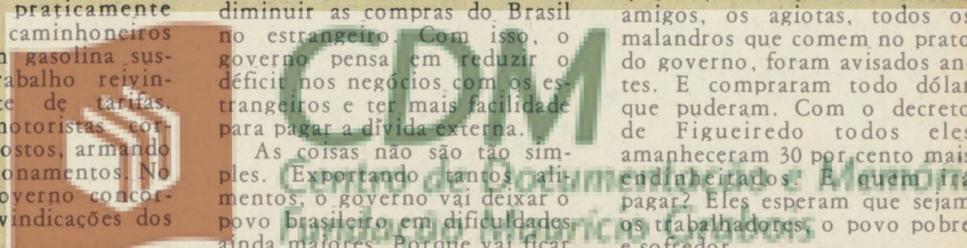
As coisas não são tão simples. Exportando tantos alimentos, o governo vai deixar o povo brasileiro em dificuldades ainda maiores. Porque vai ficar

menos alimento aqui para o povo comprar. E, como vai ter menos, o preço dos alimentos vai subir mais depressa ainda. E produtos industrializados não vai ser fácil exportar porque os outros países também estão em crise, têm seus produtos em excesso, não estão a fim de comprar.

Duas conclusões ficam disso tudo. Primeira: sempre que se vê em dificuldades a ditadura e seus tenocratas adotam o mesmo truque batido. Empobrecem ainda mais o povo e entregam ainda mais o país ao capital estrangeiro. Segunda: a crise econômica vai agravar-se ainda mais. E esse governo não tem condições de resolvê-la.

CORRUPÇÃO

A desvalorização do cruzeiro foi decidida um mês antes, por pressão dos credores estrangeiros, interessados em arrancar o máximo de lucros do país o mais rápido possível, aproveitando-se da situação. As multinacionais foram antecipadamente informadas e fizeram grandes depósitos de dólares no Brasil. Com a desvalorização do cruzeiro ganharam uma fortuna sem precisar fazer nada. Os banqueiros, os ministros e seus amigos, os agiotas, todos os malandros que comem no prato do governo, foram avisados antes. E compraram todo dólar que puderam. Com o decreto de Figueiredo todos eles amanheceram 30 por cento mais enriquecidos. E não vão pagar. Eles esperam que sejam os trabalhadores, o povo pobre e sofredor.



Fala o Povo

VOCÊ QUER A NOVA CAPITAL?

(E QUER TAMBÉM, PAGAR AS DÍVIDAS DESSA NOVA CONSTRUÇÃO?)



- 1- RESOLVER OS PROBLEMAS DO HOMEM DO CAMPO, DANDO TERRA PARA QUEM NELA QUEIRA TRABALHAR...
- 2- RESOLVER O PROBLEMA DO SUBEMPENJO DE MUITAS ÁREAS DO BRASIL, BENEFICIANDO O POVO.

Em Montes Claros nasce um sindicato apesar da repressão

Está sendo criada aqui em Montes Claros (MG) uma associação que terá 5 mil sócios e se transformará em sindicato para lutar pelos direitos da categoria metalúrgica, atender seus interesses e, quando possível, colaborar com outras categorias.

No dia seguinte o presidente da Associação foi demitido. Um golpe que poderia ter sido forte não fosse a resposta dada por alguns sindicatos, a imprensa, a Câmara Municipal através de alguns membros, a Igreja etc., que se solidarizaram conosco contra esta medida injusta.

Os operários daqui de Montes Claros começam a se organizar. Uma grande parte, vinda das regiões vizinhas, fugindo das dificuldades da roça e procurando pelo menos um salário fixo, perde as ilusões quando sujeitos às durezas de uma fábrica.

Foram implantadas as indústrias com a dita intenção de melhorar as condições de vida do povo desta região; mas, pelo contrário, as favelas se multiplicam; os campos, que antes eram plantados, agora são invadidos pelo mato; as

casas dos lugarejos vizinhos são abandonadas e seus antigos moradores agora correm às portas de fábricas em busca de emprego. Quando encontram, são sujeitos a salários baixos e muito serviço.

As leis trabalhistas são desconhecidas. Não recebem insalubridade, são dispensados quando se machucam, são advertidos ou suspensos do trabalho por motivos insignificantes; a data do pagamento não é respeitada.

A mão-de-obra especializada é muito pequena. A solução para as empresas é admitir um operário

como ajudante até que ele aprenda a profissão, para continuar ganhando como aprendiz por tempo indeterminado. São inúmeros os casos de um operário trabalhando em várias máquinas ao mesmo tempo, reduzindo assim o número de empregados da fábrica.

Os operários em Montes Claros são muito oprimidos e agora percebem que só unidos os trabalhadores vão ter vitórias em suas lutas. Perceberam que juntos vão ter muito mais pra ganhar porque, pra perder, só têm seu sofrimento. (E.A.C. - Montes Claros - MG)

Se não luta, não atrapalha

Nos dias 16, 17 e 18 de novembro, nós, jovens dos bairros de Santa Cândida, Linhares, São Benedito e São Bernardo, realizamos um encontro para discutir os problemas que afligem nossos bairros. Depois de três dias de retiro, chegamos à conclusão de que os principais problemas são: luz, água, esgoto, posto médico, posto telefônico, acabamento da sede da sociedade, melhoria de transporte, opções de lazer (...). O que tem impedido o povo de tomar iniciativa e de se organizar em função de suas lutas em Santa Cândida é a sociedade de bairro, cuja diretoria não atua para organizar o pessoal e impede qualquer movimento do povo pelos seus direitos. Em vista disso, marcamos reunião

da diretoria com os moradores para discutir esses problemas.

Durante o encontro, foi discutida a realidade brasileira, a cultura brasileira; e foi utilizada a Tribuna Operária nº 0, onde a coluna Tempos de Mudança serviu para discussão; fizemos encenação teatral das quatro colunas.

No final, chegamos à conclusão de que para o povo superar estes problemas é necessário maior união, conseguir uma sociedade sem exploração, sem sofrimento e feliz. Esta foi nossa conclusão e é nossa sugestão a todos os jovens brasileiros! (Grupo Jovem de Santa Cândida, de Linhares, São Benedito e São Bernardo - Juiz de Fora, MG)

Liceu do Rio demite e prende

Os alunos e professores do LAO (Liceu de Artes e Ofícios), após constatarem uma série de irregularidades pedagógicas e administrativas, procuraram a direção do estabelecimento a fim de tentar solucionar as questões pendentes. A resposta, como não podia deixar de ser, nos foi dada à base de intimidações, com suspensões, demissões e ameaças. Preocupados com sua situação, os alunos procuraram esclarecer os problemas em que estão envolvidos e constatarem que a maioria dos 13 cursos ditos "técnicos" (oferecidos pelo Liceu) não são nem legalizados ou regulamentados; não há estágio supervisionado para os cursos; os laboratórios apresentam-se em estado crítico e

deficiente; por fim, confirmando sua impossibilidade em manter determinados cursos, o LAO resolveu acabar com dois deles. E agora, o que farão os alunos se a Diretoria da escola não apresentar nenhuma outra alternativa?

Em relação aos professores, o LAO utiliza outras tantas artimanhas. Alegando o caráter filantrópico, o estabelecimento se recusa a pagar os reajustes devidos aos professores. Através de intensa mobilização, os professores procuraram garantir suas conquistas ganhas com luta e foram surpreendidos com um considerável número de demissões. (Comissão de Estudantes e Professores do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro).

Mais apoio ao jornal Tribuna Operária

Tivemos a oportunidade de conhecer seu jornal e julgamos que ele é de fundamental importância para a causa dos trabalhadores.

Aqui em Santarém existe o jornal *Lamparina*, mensário dedicado aos camponeses do município e região, voltado totalmente para o movimento sindical dos trabalhadores rurais.

O *Lamparina* entende que o intercâmbio de notícias, luta e experiências entre o trabalho do campo e da cidade é indispensável. Assim, propomos a troca de nossos jornais bem como a transcrição de artigos e notícias que sejam do interesse dos trabalhadores.

Todo apoio à Tribuna e, quando precisarem de nós, é só avisar. (Jornal *Lamparina* - Santarém, Pará)

Vimos cumprimentar os membros da equipe do jornal *Tribuna Operária* pelo lançamento deste quinzenário de luta da classe operária em nosso estado. (Associação de Professores do Estado de Minas Gerais)



Esse jornal está sendo bem aceito aqui no meio universitário, através dos diretórios que colocam seus exemplares para a venda aos estudantes. Portanto quero parabenizá-lo e a toda sua equipe pelo excelente trabalho que estão realizando através desse importante veículo de comunicação que é a *Tribuna Operária* (...). A todos vocês desejo muito sucesso nessa difícil luta. (F.C.S. - Natal - Rio Grande do Norte)

ABC da carestia

ABC no dia a dia ABC contra a carestia. Para demonstrar que na luta a gente bota fé Está aqui presente O povo de Santo André. Para assegurar que a luta vai continuar Está aqui presente o povo de Mauá. Para confirmar que enfrentamos soldados armados Está aqui presente O povo de São Bernardo. Para demonstrar que estamos ampliando precisa participar o povo de São Caetano Para demonstrar que este é o nosso lema Precisa participar O povo de Diadema.

ABC no dia a dia ABC contra a carestia ABC, São Paulo e Brasil. Mandamos os generais para a ponte que caiu... (Z. de Vila Guaraciaba - São Paulo canção apresentada no I Congresso de Luta contra a Carestia)

Quando nós vamos ver um emprego, é um martírio de perguntas: onde você trabalhava? quanto você ganhava? o que fazia? e outras perguntas indiscretas. Também nós temos o direito de perguntar: quantas empregadas tiveram? por que elas saíram? (...) As patroas pagam pouco e exigem muito. Pagam bem só algumas que conhecem o quanto somos indispensáveis.

Uma senhora que trabalha de manhã, volta para almoçar e retorna só à noite, não tem tempo para

Os pobres do sertão baiano

O governo tem se preocupado muito com o problema da gasolina. Mas o povo tem muito mais com que se preocupar, porque sem dinheiro e sem alimento é impossível o homem sobreviver. Falo porque sinto necessidade de falar. Aqui no sertão em que vivemos não conhecemos a classe média, quanto mais a nobre. Salário, só quando o pai de família ou qualquer outro necessitado é obrigado a ir para São Paulo sujeitando-se a ganhar salário mínimo para dividir com a família.

Assistência médica é coisa muito difícil para o lavrador. E quando chega em um médico já chega quase morto, de doença, de fome, de aperto.

Aqui estamos todos nós sofrendo. A maioria do povo vai à feira e volta com o saco vazio pois o dinheiro não dá para comprar nada; e também os feirantes e os vendedores não têm

condições de vender fiado porque já vivem complicados. A lavoura aqui é de fumo de corda. Sua comercialização só é feita a prazo e sujeita a devolução. (...)

A chuva é muito pouca ou quase nada. E o pior é que os representantes do governo não vêm isso e só sabem tapar os coitados que já vivem mortos. Os políticos só procuram o povo na hora do voto. A EMATER diz que é órgão do governo e que é para ajudar o homem do campo. Mas aqui é o contrário: um saco de feijão, só porque se diz ser selecionado, é vendido pelo dobro do preço no comércio local. O imposto, este é demais. O povo é perseguido a toda hora. A gasolina, esta é só para os ricos. E o negócio é andar a pé porque até mesmo os cavalos estão difíceis e caros. O preciso mesmo é nos unirmos todos por uma democracia em que o pobre tenha o direito de viver. (M.M. - Povoado de Velame - Seabra - BA)

Mais um que entra na luta

Hoje, dia 29 de novembro de 1979, é que vim tomar conhecimento da existência deste fabuloso jornal, através do nº 1; entretanto, imediatamente coloque-me à disposição deste jornal para colaborar constantemente na coluna *Fala o Povo*.

Senhores redatores: acredito que chegou a hora do operário brasileiro, juntamente com estudantes e camponeses, unir-se de forma organizada, elaborada, preestudada e programada contra o atual regime de opressão e fome.

Não somente a união é que faz a força; é preciso união organizada, união estruturada; assim nós venceremos. (...)

Atravesso atualmente uma fase de bastante descrédito quanto ao que se coloca à nossa disposição em termos de futuro, em termos de Brasil, presente e futuro.

Imaginem os senhores que perdi o

crédito em tudo, ao ponto de já estar elaborando um plano de abandonar o Brasil juntamente com os meus filhos e pedir asilo a um outro país qualquer, onde até mesmo sendo um varredor de rua (não menosprezando os garis, que considero uma função honrosa) eu pudesse desfrutar de condições de vida humanas e pelo menos adquirir para os meus filhos condições de vida futura e brilhante; pois aqui no Brasil, com a atual condição que obtenho, vejo claramente e sem falsa ilusão que pelo menos 80% dos meus filhos deverão futuramente ser marginais.

Agora, encontrando a Tribuna Operária, sinto-me um pouco estimulado a permanecer mais um pouco ou talvez definitivamente no Brasil, haja visto que agora, através deste jornal, dou início à minha tão almejada luta. (A.S.P.C. - Camacari - BA)

Desprezo pela vida do povo

A Associação das Donas-de-casa, os Grupos de Ruas da COHAB e a Associação Popular de Saúde estão lutando por um posto de saúde para o conjunto habitacional Padre José de Anchieta, de Itaquera, há vários meses.



Apesar de termos o terreno há um ano, as crianças continuam sem atendimento médico por falta de posto e os pais estão cada vez mais apavorados com problemas graves de doenças, como desidratação, febre alta, acidentes infantis, etc.

Apesar de termos a promessa do sr. secretário da Saúde da Prefeitura de que o posto estaria pronto em seis meses, não estamos vendo nenhum movimento para a construção do prédio. Quando os moradores daqui deste conjunto lá estiveram para exigir um posto, ele respondeu que as mulheres da COHAB estavam fazendo muitos filhos!

Comentário

Gostaria de fazer um comentário sobre a visita daquele (...) do nosso presidente à Florianópolis, Santa Catarina. Gostaria de parabenizar todos aqueles que uniram suas forças para abrir os olhos do povo brasileiro para a atual situação que estamos vivendo.

Acho que este tipo de manifestação deveria ocorrer em todo o lugar por onde Figueiredo passar. Deveríamos apoiar todas as greves, tanto operárias quanto estudantis, para que um dia possamos implantar o socialismo no Brasil.

Devemos enfrentar este governo fascista, que considera todas as greves ilegais e que apóia cada vez mais as multinacionais.

E, para finalizar, acho que deveríamos unir nossas forças e derrubar esse governo fascista, que só sabe nos explorar, e devemos seguir o exemplo de países como a Bolívia, a Nicarágua e o Irã, onde graças ao povo puderam ser derrubados os regimes ditatoriais lá vigentes. (L.P.C., 15 anos - Juiz de Fora - MG)



Não existe patroa boa

Nós, as empregadas domésticas, somos esquecidas do mundo; para as patroas, somos medíocres, não recebemos a menor consideração, como se fôssemos os seres mais desprezíveis do mundo. Agora, eu quero expor o seguinte: quem é que faz a comida? quem é que varre a casa? quem é que toma conta do neném quando elas vão trabalhar? São as empregadas. Por isso, as patroas deviam tratar-nos bem, mas não tratam.

Quando nós vamos ver um emprego, é um martírio de perguntas: onde você trabalhava? quanto você ganhava? o que fazia? e outras perguntas indiscretas. Também nós temos o direito de perguntar: quantas empregadas tiveram? por que elas saíram? (...) As patroas pagam pouco e exigem muito. Pagam bem só algumas que conhecem o quanto somos indispensáveis.

Uma senhora que trabalha de manhã, volta para almoçar e retorna só à noite, não tem tempo para

administrar sua casa. Se tem filhos, tem que ter uma pessoa responsável para orientá-los. Agora nós, empregadas, também temos as nossas preocupações. Por exemplo: quem tem marido e ele ganha pouco, tem que trabalhar para ajudá-lo.

Sobre o horário: as patroas querem que a gente chegue cedo para fazer o café, aprontar o almoço cedo, varrer a casa; e, depois do almoço, lavar roupa, passar e, algumas vezes, tomar conta das crianças, ou melhor, servir de babá. Com isso, elas economizam, em vez de pagarem duas empregadas, pagam uma para todo serviço.

Sobre as férias: quando vão para Salinas ou Mosqueiro, querem levar-nos; mas acontece que somos mães, temos filhos, marido, não podemos ficar muito tempo fora. Se fôssemos passear, como dizem... Mas não, trabalha-se desde que o galo canta até o chilrear das corujas (...). Não temos direito a nada e queremos um lugar ao sol. (M.J. - Belém, PA)

Pouco salário, muita mordomia

Jornais do Rio, São Paulo e Brasília no dia 2 de novembro deste ano analisaram e criticaram com muita razão a mordomia que foi levada a efeito quando da realização do 8º Congresso Universal Postal; ali foram investidos desnecessariamente 300 milhões de cruzeiros, os congressistas, duas mil pessoas, foram agraciadas com chaveiros de ouro no valor de 7 mil cruzeiros e com um cordão de águas-marinhas no valor de 5 mil cruzeiros. (...)

Agora vejamos: enquanto a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos gastou 300 milhões de cruzeiros, os funcionários desta sofrem há vários anos um arrocho salarial que atualmente desfalca seus salários em 70% em relação às outras empresas.

Os salários de fome pagos pela EBCT — cujos funcionários trabalham 10 horas diariamente sem direito a horas extras — sofreram a

partir do dia 1º de novembro um abalo com a nova política salarial do governo; isso porque funcionários graduados da empresa alegaram que as repartições que prestam serviços públicos não têm direito às garantias desta lei e que em setembro último a EBCT já dera um abono de 20% e de 2 a 10% de correção salarial.

Uma empresa que gastou 300 milhões de cruzeiros bajulando estrangeiros acha-se com o direito de não pagar a seus funcionários o aumento decretado; com isso vemos que as próprias empresas públicas burlam a lei.

Através deste jornal, envio uma mensagem a meus colegas funcionários da EBCT de todo o Brasil: "lutem por seus direitos e procurem unir-se, pois somente unidos é que os trabalhadores podem vencer o fascismo que nos é imposto pela ditadura brasileira". (S. Campos - RJ)



Constatamos com satisfação que o número de cartas para esta seção continua a aumentar de número para número. O local de origem e a profissão de nossos correspondentes voluntários também tornam-se mais variados. As cartas são vivas, refletem as condições de vida, os sentimentos de nosso povo. Algumas pessoas enviam fotos junto com as correspondências, o que também ajuda muito.

Para dar maior espaço aos nossos correspondentes voluntários, a partir deste número faremos algumas mudanças no aspecto gráfico da seção.

Continuem a escrever sobre acontecimentos e lutas concretas. Curto e grosso. Procuraremos publicar o máximo possível. O povo precisa trocar experiências, para defender cada vez melhor seus direitos e seus ideais.

Escrevam para a rua Beneficência Portuguesa, 44 - sala 206 - CEP 01033. São Paulo. E para a rua Joaquim Silva, 11 - Sala 307 - Lapa - CEP 20241.- Rio de Janeiro.

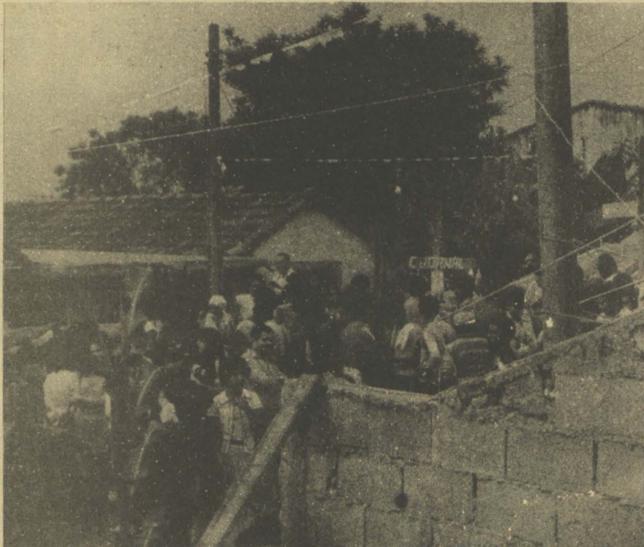
A coordenadora: Olivia Rangel.

Bairros da Zona Leste vão lutar unidos

Numa reunião realizada em junho deste ano, os moradores dos bairros Jardim Nordeste, Jardim São Nicolau, Vila União, Jardim Coimbra, Parque das Paineiras, Santa Luzia e parte baixa de A. E. Carvalho, na capital paulista criaram um movimento que tem como objetivo unir o povo da região para a luta por melhores condições de vida.

Foi decidida nesta reunião que o nome do movimento seria "Movimento por Melhores Condições de Vida nos Bairros" e que ele é aberto à participação de todos, sem distinção de qualquer espécie. Todos podem falar e votar (...) Foram decididas também nossas primeiras reivindicações: melhoria no atendimento do posto de saúde e construção de um Centro de Saúde maior; melhoria dos transportes para a região e telefones públicos para todas as vilas.

(...) Resolvemos realizar uma assembleia no Jardim Nordeste e exigir que as autoridades viessem até a gente. A assembleia foi realizada no dia 30 de setembro; compareceram representantes da Secretaria de Saúde, da CMTC e da empresa de ônibus São José. Não compareceram apenas representantes da Telesp, num claro desrespeito aos moradores destes bairros. (...) Se a Telesp pensa que não tem compromisso com o povo, está muito enganada. No início do próximo ano nós iremos em cara-



Reunião no Jardim Nordeste. Unido o povo é mais forte.

vanas até este órgão e exigiremos mais telefones públicos, porque de promessas e de exploração o povo está cheio (...)

O governo extingue partidos, procurando salidas para manter-se no poder e cria leis ilegais em defesa dos patrões, tentando barrar assim as lutas por melhores condições de vida e trabalho e pela

participação política do povo na vida do país. "Mas nós não vamos mais parar, nós temos nosso direito e também força pra lutar", conforme dizem os versos do hino do Movimento, escrito por Dona Aninha, uma moradora. (Comissão de Divulgação do Movimento por Melhores Condições de Vida nos Bairros - São Paulo - SP)

Nova Iguaçu: o povo protesta

No dia 22 de novembro, cerca de 400 moradores dos bairros populares de Nova Iguaçu, participantes do Movimento Amigos de Bairros, fizeram uma manifestação na praça da Liberdade até a Prefeitura, onde tinham um encontro marcado com o prefeito.

Os moradores foram com várias faixas e gritavam em coro: "Chega de manobra, o povo quer é obra!", "O povo unido jamais será vencido!" e outros slogans. Na Prefeitura, uma comissão subiu para o encontro e mais uma vez o prefeito não compareceu.

A população de Nova Iguaçu está cada vez mais consciente da omissão do prefeito em relação às obras que se fazem necessárias nos bairros e também da diferença de tratamento que recebe nos ór-

gãos estaduais em relação aos bairros da Zona Sul.

O Movimento Amigos de Bairros conta atualmente com cerca de 104 bairros organizados. Há 4 anos, esse movimento contava com cerca de 10 bairros e ainda dava os seus primeiros passos (...)

A prefeitura só faz é prometer. Obra, que é bom, não faz nenhuma. Procura de todas as formas esvaziar o movimento, seja com promessas, mentiras, seja acusando todos, em carta ao Ministério da Justiça, de comunistas.

Mas os moradores cada vez se unem mais; e surgem novos bairros a cada semana. A cada enganação ou promessa, vamos responder com união e organização

(N.N. - morador de Nova Iguaçu - RJ)

Avaliação justa

Quando vemos jornais que se dizem populares afirmarem que as greves de São Paulo foram derrotadas e dirigidas por uma minoria e afirmando que os operários foram derrotados, temos na Tribuna Operária uma real avaliação feita por alguém que não concilia com o governo e que esteve ao lado dos trabalhadores em greve, o deputado federal Aurélio Peres.

Temos claro que as profundas transformações que nossa sociedade exige só se concretizarão quando a classe operária, a mais conseqüente da nossa sociedade, estiver organizada e consciente do seu papel revolucionário. A Tribuna Operária tem um grande papel a cumprir neste sentido e o vem fazendo (C.A.O. do Instituto Metodista de Educação de São Bernardo do Campo - SP)

Metalúrgica: Porque nós fomos à greve

Nós, trabalhadores metalúrgicos, entramos na luta por melhores salários, melhores condições de vida e por liberdade para os operários se organizarem e defenderem o que por justiça lhes pertence.

Decidimos ir à greve também por percebermos que a democracia não chegou até a classe trabalhadora, não chegou nas fábricas e sindicatos e nem atingiu nosso salário. A democracia só chegou para os patrões. Prova disso é o assassinato do nosso companheiro Santo. Nossa luta foi dura; tivemos contra nós o governo e suas leis, os patrões e a polícia armada (...)

O povo nos ajudou a levar essa luta. Tivemos o apoio de outros setores, como estudantes, donas-de-casa, trabalhadores e outros ca-

tegorias e a Igreja. Recebemos todo tipo de ajuda, desde arrecadação de mantimentos e medicamentos até o apoio jurídico e a divulgação de nossa greve nos bairros, nas fábricas, nas estações de trem, etc. Percebemos com isso a força da união; que só com o povo todo unido alcançaremos a verdadeira liberdade e a real democracia.

Os patrões usaram os meios de comunicação para enganar o povo, dizendo que em nossa greve havia infiltração. E de fato houve: um tribunal que não foi eleito pelo trabalhador e que só serve para considerar todas suas lutas ilegais; os homens fortes do governo, como Portella, Murillo Macedo e Delfim Netto; os elementos pagos pelo patrão para denunciar o traba-

lhador; a polícia, que também se infiltrou em nossas assembleias e reuniões com documentos falsos. São esses os elementos que nada têm a ver com a luta do trabalhador.

Os patrões disseram também que houve elementos pagos pelo sindicato para fazer piquete. Deixamos claro que NÃO fomos pagos para fazer piquetes; (...) e que não achamos errado receber ajuda de custo do sindicato, compreendendo que ele não é essa diretoria e sim todo trabalhador metalúrgico. Errado é um tribunal pago para julgar a greve ilegal. Errado é o governo usar nosso dinheiro para pagar a polícia que mata, tortura, prende e espanca o trabalhador. (M.L.S. - São Paulo - SP)

O ciclo da vida

Poesia dedicada ao paraense Pedro Pomar, líder proletário assassinado pela ditadura militar, há três anos, em 16 de dezembro de 1976: Vê: a flor de ontem jaz. Duro golpe! Sua memória é uma sanguinolenta pétala no chão que breve será pó. Será humus, adubo para novas flores. Pois do velho Pomar muitas sementes foram tiradas. (H. C. - Belém do Pará)

Vai à luta, companheiro!

E você, companheiro, se subordina/ Aos moldes e padrões/ Desgastados e arcaicos./ Só por não querer enxergar/ Que está tudo errado/ E deve ser mudado./ Porque nada é definitivo./ Ou simplesmente por ter medo/ De reclamar o que/ Lhe é de direito. E você, companheiro, se subordina/ A coisas tão mesquinhas/ Como abrir mão de seus direitos/ De pensar e agir./ Só para conseguir/ A simpatia daqueles que o dominam./ Desculpando-lhes a riqueza/ E a falta de coração./ Por acreditar que o mundo é assim/ Porque Deus é

quem quis. Vai à luta, companheiro!/ Um dia você acordará/ E perceberá que/ Simplesmente passou/ Pela vida e nada fez/ De concreto e objetivo/ Para mudar o que aí está./ E então, companheiro,/ Será tarde demais para reclamar. Vai à luta, companheiro!/ Não entregue nas mãos/ Dos que querem massacrá-lo./ A única coisa que tem/ E que ninguém neste mundo/ Por mais que faça/ Vai conseguir lhe tirar:/ A liberdade de pensar!

(S.M.C. - Campinas - SP)

Resistência dos posseiros em Xapuri

Tenho em mãos o nº 0 e o nº 1 deste grande jornal que representa, ou melhor, é o porta-voz da luta e do sofrimento de nossos companheiros que no momento enfrentam os mais sérios problemas impostos pelo regime atual em que vivemos.

E assim sendo eu gostaria que este jornal publicasse em uma de suas colunas algumas notícias nossas, já que aqui (no Acre) o único porta-voz de nossas lutas é o jornal Varadouro; mas este, no momento, enfrenta sérios problemas devido à repressão imposta a ele pelos inimigos do povo.

Estamos acompanhando o movimento dos operários daí. Aqui é a luta dos trabalhadores rurais pela posse da terra; no sul, a luta dos operários contra a repressão policial e, em primeiro lugar, os patrões. Aqui, nosso companheiro seringueiro, que há mais de 70 anos derramou seu sangue, deu sua vida pela conquista da libertação desta terra e hoje perde novamente seu direito, vendo sua sagrada herança entregue às mais ricas empresas do sul do país e até estrangeiras, como é o caso da multinacional Borden. Esta já lançou mão de 50 mil hectares de terra em nosso município, ameaçando dezenas de famílias de seringueiros indefesos; alguns tiveram seus barracos queimados, outros foram expulsos de suas terras e outros continuam ameaçados.

Algumas vitórias já foram conseguidas: em Boca do Acre, 300

trabalhadores vieram dos mais distantes municípios para defender 32 famílias de posseiros que ali se achavam ameaçadas por um grupo de jagunços fortemente armados; no seringal Guanabara, município de Vila Assis Brasil, mais de 80 seringueiros prenderam o administrador da fazenda; no seringal Palmeira, município de Xapuri, mais de 20 companheiros unidos em sindicato impediram uma grande desmatação.

Mas enquanto a luta prossegue, através do sindicato, por outro lado vem a repressão dos latifundiários, junto com os políticos, procurando por todos os meios violar os direitos dos trabalhadores. Acusam os líderes sindicais de comunistas, de quererem jogar o povo contra o governo.

Também a Igreja aqui assume no momento importante papel ao lado dos trabalhadores com a presença do bispo Dom Moacir, que, junto com vários padres monitores leigos, não esconde seu desejo de lutar em favor dos oprimidos; mas também sofre forte pressão por parte dos patrões, que acusam a Igreja de estar infiltrada de comunistas. Essa é a única maneira que eles encontram para ludibriar e amedrontar o povo.

Nossa luta é árdua, mas vale acima de tudo porque estamos empenhados na luta por um mundo mais humano e uma sociedade mais justa.

(F.M.F. - Xapuri - Acre)



Polícia paulista tortura menor de idade

O Comitê Brasileiro pela Anistia - Seção Campinas - e mais 13 entidades divulgaram um protesto pela prisão de N.M., de 16 anos, estudante secundarista do 1º ano colegial, que foi detido na madrugada de 21 de novembro último, quando pichava uma parede naquela cidade.

O documento diz: "O secundarista foi levado pela rádio patrulha 025 ao plantão de polícia na av. Andrade Neves e de lá enviado ao DOPS de Campinas. O menor, durante 13 horas, ficou detido no 1º Distrito Policial, arbitrariamente uma vez que sua prisão não foi

comunicada, ilegalmente pela manutenção de um menor em Distrito Policial.

O secundarista sofreu uma série de pressões físicas e psicológicas, principalmente durante o tempo em que passou dentro do carro de polícia. Foi submetido a choque elétrico, agredido por chutes nos testículos, sofrendo ameaças de que, a cada pichação pela qual passasse o carro da polícia, levaria um tapa e murro no boca, além de outras formas de tortura física e psicológica. N.M. reivindicou um telefonema para um advogado, mas esse pedido foi negado pela polícia. O menor ficou sem comer desde o

momento em que foi detido (2 horas da madrugada) até as 15:30 horas, quando foi para a delegacia de menores.

Como se não bastassem as pressões físicas e psicológicas sofridas durante o período de detenção, o menor e a família continuam sofrendo intimidações. Por exemplo, no sábado seguinte houve presença de policiais na casa do secundarista, fazendo uma série de perguntas à empregada, no sentido de conseguir mais detalhes sobre a vida pessoal do menor; telefonemas noturnos à residência do menor (...)" (Um estudante secundarista - Campinas - SP)

Grupo Terra e Habitação

O Grupo Terra e Habitação é uma proposta de união e organização das lutas dos bairros populares situados na Zona Oeste do Rio de Janeiro em torno da habitação. Loteamentos clandestinos é um fator que marca quase toda essa área. A maior parte dos moradores que aí residem não tem o seu imóvel devidamente legalizado. O mesmo ocorre com diversos conjuntos habitacionais ali situados. Muitos, inclusive, sofrem ameaça de despejo como em Paciência, Jardim Santo Antônio, Antares, etc.

No dia 25 de novembro no bairro de Coqueiros, em Bangu, realizou-se mais uma assembleia com a presença de 21 bairros. Compareceram moradores de loteamentos, conjuntos habitacionais, favelas e terrenos de posse. As discussões travadas giraram em torno dos problemas dos bairros e da perspectiva futura do movimento. (H.E.A.V. - Rio de Janeiro - RJ)

Depoimento contra injustiça

O operário não tem segurança no trabalho; muitas vezes é despedido sem motivo, só porque pediu melhores salários. As riquezas de nosso país estão nas mãos de uns poucos privilegiados. As autoridades competentes não querem nos dar aquilo a que temos direito: salário justo, de acordo com o custo de vida, casa própria, terra para quem nela trabalha etc. Quando exigimos nossos direitos sofremos repressão, prisões arbitrárias, intervenção nos sindicatos. Não temos o direito de eleger nosso governo. O homem do campo foi trocado pelo

boi. As terras são dos latifundiários. Companheiros: vamos dar as mãos, vamos realizar nossa união concreta, que esta é a nossa arma contra as arbitrariedades. E melhor deixar correr nosso sangue para defender os nossos filhos do que morrer de fome.

Queremos uma eleição direta/ Democracia e libertação/ Pra sair desta ditadura/ Deste regime de repressão/ Admitimos um governo/ Que represente o povo. (Um operário do Movimento Contra a Carestia do setor de Campo Limpo - São Paulo)

Infância pobre

Na madrugada fria daquele dia escuro, a menina remexia com as mãos, o monturo. De onde veio, de que meio surgiu esta pátria? Ela veio do seio da Classe Operária. Ninguém a conhece, como acontece a milhares de iguais, que vagam nas ruas, famintas, seminuas, sem mães, sem pais. Jamais teve amores, jamais teve carinho, só trilhou caminhos de lágrimas e dores. O frio é cortante, penetra na alma, e, bem calma, olhar radiante mirando o que passa, segura risonha a triste carcaça, horrenda, medonha, daquele brinquedo, e olha, com medo, temendo que alguém quisesse também, por simples capricho, tirar-lhe a boneca, imunda e careca de cor amarela, pra ela tão bela, que achara no lixo. (R.S. - Juiz de Fora - Minas Gerais)

Povo da Tijuca contra a carestia de vida

O terceiro encontro do Centro Comunitário do Tijuca de luta contra a carestia, realizado no dia oito de dezembro, que reuniu representantes de sete favelas da região, além de moradores da Tijuca, Rio Comprido e Catumbi, num total de 150 pessoas, demonstrou, mais uma vez, a revolta do povo contra a disparada da carestia e as péssimas condições de vida em que se encontra.

O encontro começou com uma dramatização de um grupo de moradores sobre uma pequena sapataria que se transformou em uma grande fábrica com o suor de seus operários.

O objetivo principal do encontro foi divulgar e discutir o resultado de uma primeira amostragem da pesquisa sobre a carestia que o CECOMTI está fazendo. O resultado dos 100 questionários aplicados nessas comunidades é bastante representativo não só da consciência do absurdo da alta do custo de vida, mas também da certeza de que o governo é o culpado por esta situação e da necessidade das pessoas se unirem, mostrarem a sua força e



exigirem salários dignos, além da parada imediata do aumento do custo de vida.

"O salário mínimo dá para manter uma família?" "O salário mínimo dá para matar uma família", foi uma das respostas.

Dona Benedita, moradora do Morro da Chácara do Céu, foi uma das pessoas mais aplaudidas durante o encontro. "Nós não temos um governo que olhe por nós! A fome é feia, a fome não presta. Fazer isso só aqui dentro não adianta, temos que ir para a rua, para a praça, para a frente do supermercado. Temos que ir até o fim. Não tenho medo, não falo por mim mas por toda a pobreza!"

Depois de cantar músicas contra a carestia as pessoas aprovaram a continuação da pesquisa, ampliando o debate no bairro, criando núcleos de luta contra a carestia em todas as comunidades ali representadas; fazer abaixo-assinados; divulgar por todos os meios as denúncias e as reivindicações do povo e se organizar para um grande protesto público.

(L. M.M. - Tijuca - Rio)

UMA ROSA PARA STÁLIN

Rogério Lustosa ouviu trabalhadores da velha guarda sobre o centenário de Stálin.

E transmite uma avaliação sobre o filho de sapateiro que dirigiu durante 30 anos o maior

Estado do mundo na construção do socialismo

Dia 21 de dezembro comemora-se o centenário do nascimento de Stálin. Seu nome, como o de Lênin, está ligado à Revolução Russa de 1917, que abriu uma nova época para os trabalhadores. Pela primeira vez a classe operária chegou ao poder e levou a cabo a construção do socialismo em um país.

É claro que essas vitórias assustaram a burguesia mundial. Os capitalistas trataram de ocultar e deturpar o exemplo que mostrava a superioridade do socialismo e a capacidade do proletariado de governar.

"Nesse período, a imprensa calava sobre todos os avanços da URSS, mas fazia grande alarde quando encontrava alguma falha ou dificuldade", conta D. Madalena Soares, lutadora do movimento sindical de Volta Redonda naquela época.

Mesmo assim, os trabalhadores viam os êxitos do socialismo, frutos do trabalho do povo soviético e de Stálin.

Stalingrado decidiu a guerra

Veio depois o nazi-fascismo, ameaçando o regime soviético e toda a humanidade. Em 1941, Hitler jogou o grosso de suas tropas no ataque à Rússia, esperançoso de enterrar para sempre o bolchevismo.

"Os nazistas pensavam que iam encontrar a URSS dividida, que o povo ia se formar ao lado do capitalismo. Mas tiveram de se convencer que o povo não queria retroceder e sim avançar para o socialismo". Foi o que nos disse um velho lutador operário do Rio, ex-pracinha. E acrescentou: "Esta unidade para defender a pátria socialista se deve pôr um lado a consciência política dos operários soviéticos. E por outro, à confiança que tinham no comando de Stálin, já provado em épocas de grandes dificuldades e nas tentativas divisionistas anteriores. Durante a luta que se travou na cidade de Stalingrado, Stálin disse: "Nem um passo atrás; o exército alemão vai parar aqui. E parou mesmo".

D. Madalena também recorda em detalhe aqueles dias: "A impressão que se tinha é que se Stalingrado caísse acabava o mundo. A imprensa tinha feito tudo para denegrir o socialismo, mas mesmo sem ter consciência de tudo o povo todo se uniu torcendo por Stalingrado. Todos ouviam à noite o noticiário do Carlos Frias, que sempre cabava dizendo: 'Stalingrado não caiu!'

Quem tem medo de Stálin?

A URSS e o socialismo avançaram. Nunca mais os camponeses e os operários viram a fome. O analfabetismo e a ignorância ficaram para trás.

Mas então não houve erros? E tudo que se fala contra Stálin? Ou será não que se pode falar nisto?

É claro que se pode e se deve falar. A classe operária nunca tem interesse em esconder erros. Mas



Josef Stálin em 1952. Líder indiscutível do movimento operário mundial, este assunto de Stálin não é na verdade uma questão de erros e acertos.

Os capitalistas sempre atacaram Stálin para atingir os fundamentos da revolução socialista, da teoria marxista-leninista, do partido da classe operária. O mesmo fizeram os sabotadores do socialismo dentro da URSS. Não para esclarecer erros e acertos, mas para lançar lama nas conquistas da classe operária.

Se houve erro, do ponto de vista da classe operária, claro que os operários têm todo interesse em corrigir. Mas não em dar liberdade aos golpes da burguesia. A imprensa burguesa, que sempre silenciava diante dos milhares de trabalhadores vitimados pelo capitalismo, fala em terror assim que o primeiro sabotador do socialismo é castigado.

A verdade será restaurada

Kruschev e Brejnev lançaram acusações contra Stálin. Mas, como o gato que se esconde e deixa o rabo de fora, abriram ao mesmo tempo as portas do país à Fiat, à Coca-Cola, ao banco Chase Manhattan e a outros capitalistas estrangeiros. Na verdade, suas críticas encobriam posições de conciliação com a burguesia e de restauração do capitalismo na URSS.

Enquanto isso, os trabalhadores

soviéticos até hoje prestam homenagem ao velho bolchevique, levando flores ao seu túmulo nas datas festivas.

E aqui no Brasil um velho operário diz: "Não tenho dúvidas de que a verdade sobre Stálin vai ser restaurada. Na época da morte de Stálin, e depois, a classe operária jamais aceitou as acusações que fizeram contra ele. Mandaram até a gente tirar os retratos dele de nossas casas. Mas a maioria não tirou. Eu mesmo não tirei nunca. Na minha casa quem tirou o retrato foi a polícia, que me atacou depois do golpe de 64".

A classe operária deve estudar esta questão com carinho. Precisa defender as idéias do socialismo e seus dirigentes. Precisa também encontrar e corrigir seus erros. Mas não se confundir com os que encobrem seu repúdio ao socialismo e ao marxismo-leninismo, atacando e falsificando todo o período de construção do socialismo na URSS através de calúnias contra Stálin.

Hoje, 21 de dezembro, gostaria de levar também uma rosa vermelha para ele, junto com os milhões de operários de todo o mundo. Simbolicamente, escrevo este artigo como se estivesse dizendo: "Camarada velho, não se preocupe, levaremos a tua bandeira!"

A vida do homem de aço

Passagens da biografia de Stálin

Josef Vissarianovich Djughashvili, ou Stálin, "o homem de aço", nasceu há cem anos atrás, na Geórgia, então dominada pelos tzares. Nasceu numa casa que lembrava de perto as favelas brasileiras. Seu pai era sapateiro e sua mãe lavava roupa para fora.

Começou sua agitada carreira política muito cedo, aos 15 anos, nos círculos operários e socialistas da cidade de Tiflis. Foi vítima de várias prisões e desteros na Sibéria, de onde fugiu quatro vezes. Nos intervalos trabalhou na clandestinidade. Esteve à frente da revolução de 1905 no Cáucaso. Na de fevereiro de 1917 estava na Sibéria. Mas na de outubro participou ativamente, em São Petesburgo.

Esteve ao lado de Lênin em todas as lutas internas do agitado movimento operário russo. Esta fidelidade foi seu traço mais marcante. Até o fim da vida, prezava acima de tudo o título de discípulo de Lênin.

Assumiu a secretaria geral do Partido Bolchevique em 1922 e, com a morte de Lênin, tornou-se o principal dirigente. Liderou uma arrojada política de industrialização, eletrificação e coletivização agrícola que, em dez anos, consolidou as bases do socialismo. Ao

mesmo tempo, enfrentava com mão de ferro as oposições de Trotsky, Kamenev, Zinoyev e Bukárin.

Quando Hitler invadiu a URSS (1941), assumiu também a chefia do Estado e do Exército Vermelho. Dirigiu a resistência a partir de Moscou, mesmo quando as tropas nazistas chegaram às portas da cidade ("O diabo não é tão feio como pintam", dizia). Foi o responsável pela vitória de Stalingrado, que decidiu a sorte da II Guerra. E foi também o artífice da aliança com a Inglaterra e os EUA, para vencer o nazi-fascismo.

Após a guerra, o prestígio de Stálin cresceu imensamente, dentro e fora da URSS. Sua morte fora talvez a mais chorada deste século.

Em 1956 foi violentamente atacado por Nikita Kruschev, no famoso "relatório secreto" ao XX Congresso do PCUS, que serviu também para dar novo alento à campanha anti-stalinista dos meios burgueses e trotsquistas.

Stálin deixou uma vasta obra teórica, cuja publicação sistemática foi interrompida no 13º volume, após o XX Congresso. Juntamente com Marx, Engels e Lênin, é considerado um clássico do marxismo-leninismo.



Stálin com Lênin. A fidelidade ao leninismo foi seu traço mais marcante.

"O resultado principal"

Como Stálin via em 1939 os frutos da revolução e da construção do socialismo

"O resultado principal é que a classe operária de nosso país, depois de haver suprimido a exploração do homem pelo homem e consolidado a ordem socialista, provou ao mundo inteiro a justiça de sua causa. Este é o resultado principal porque reafirma a fé nas forças da classe operária e na inevitabilidade de seu triunfo definitivo.

O que a burguesia de todos os países e seus defensores reformistas tratam particularmente de conseguir é extirpar da classe operária a fé em suas forças, a fé na possibilidade, na inevitabilidade de seu triunfo, para desta forma perpetuarem a escravidão capitalista. Porque a burguesia sabe que, se o capitalismo ainda não foi derrubado e continua vivo, isto não se deve a suas qualidades, mas ao fato de que o proletariado ainda carece

de fé na possibilidade de seu triunfo. Não se poderia afirmar que os esforços da burguesia neste sentido foram completamente ineficazes. É preciso reconhecer que a burguesia e seus agentes dentro da classe operária conseguiram, em certa medida, envenenar a alma da classe operária com a peçonha da dúvida e da falta de fé. Se os êxitos da classe operária em nosso país se sua luta e seu triunfo podem servir para elevar o ânimo da classe operária dos países capitalistas e fortalecer nela a fé em suas forças, a fé no triunfo, nosso Partido pode afirmar que não trabalhou em vão. E não há dúvida de que assim será".

Do informe ao XVIII Congresso do PC(b)US

Haverá muitas Nicaráguas

A crise econômica dos países capitalistas está se agravando rapidamente. A explicação fabricada por seus governos se resume em pôr a culpa na OPEP, a organização dos países produtores de petróleo. Isso é inteiramente falso. Eles apenas estão valorizando seu produto, que não é renovável, e era mal pago e desperdiçado pelo capitalismo. Mas, na medida em que a crise vai piorando e ameaça os lucros dos países imperialistas, eles começam a brigar entre si. E põem os poderes para fora.

Recentemente, Helmut Schmidt, chefe do governo da Alemanha Ocidental, criticou "os exorbitantes lucros" das multinacionais petrolíferas norte-americanas, pois são elas que ficam com a maior parte

dos lucros com os aumentos de preço do petróleo. Ele confessou ter medo de que na década de 80 o mundo enfrente "tumultos" em razão do crescente preço do petróleo.

"Ocorrerão muitas Nicaráguas", disse Schmidt numa reunião de empresários alemães, referindo-se à recente luta revolucionária na Nicarágua, que derrubou a ditadura de Somoza. Lembrou que atualmente há países, como a Turquia, que já gastam 80 por cento de suas divisas com a compra de petróleo. De fato, nos últimos anos, os países dependentes e subdesenvolvidos se endividaram ainda mais. Atualmente, a dívida externa desses países em conjunto é de cerca de 350 bilhões de dólares.

O que a UNE tem a ver com o Irã?

A União Nacional dos Estudantes (UNE) recebeu uma visita incomum no dia 12 passado. Era o assessor político da embaixada dos Estados Unidos, Earl Scarlett, que dizia querer conhecer a opinião da entidade sobre assuntos como o movimento estudantil e o ensino brasileiro. A visita, no entanto, tinha outra finalidade: sondar a opinião da UNE sobre a crise entre os EUA e o Irã, e como esta encararia uma intervenção militar norte-americana nesse país.

"Nós respondemos — relatou Marcelo Barbieri, vice-presidente da UNE — que embora criticássemos a ocupação da embaixada dos EUA no Irã, violando tratados inter-

nacionais, considerávamos que o casador da crise era o próprio governo americano, por ter recebido o xá em seu país, quando este é repudiado não só pelo povo iraniano como pelo mundo inteiro."

"Afirmamos também que somos contra intervenções, sejam dos EUA ou de outro país, e consideramos que uma das formas de resolver o problema — aliás, a melhor — seria enviar o xá de volta ao Irã para ser julgado por seus crimes", disse Barbieri.

A missão de mister Scarlett é uma pequena peça do grande e perigoso mecanismo guerreiro que o governo Carter começou a esboçar e pode colocar em ação

contra o Irã. As grandes peças são os navios de guerra americanos que rondam o Golfo Pérsico; a visita do secretário de Estado Cyrus Vance a vários países europeus, buscando apoio contra a revolução iraniana; as posições "duras" da última reunião da OTAN; e, o que é importante, o clima belicoso, quase histórico, que está sendo alimentado dentro dos Estados Unidos.

E se os diplomatas americanos andam pelo mundo consultando organizações populares sobre o Irã é porque aprenderam com a amarga lição da Indochina. Sabem que, numa aventura militar como esta, teriam de enfrentar dois inimigos: o próprio povo iraniano e também a opinião pública mundial.